

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

FERNANDO LEITÃO
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP): 50 anos de história

Entrevistado – Fernando Leitão (FL)

Entrevistadoras – Cristina Fonseca (CF) e Lisabel Klein (LK)

Data – 17/05/2004

Duração – 2h02min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

LEITÃO, Fernando. *Fernando Leitão. Entrevista de história oral concedida ao projeto Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP): 50 anos de História*, 2004. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 76p.

Data: 17/05/2004

Fita 1 - Lado A

CF – Bom, vamos dar início então à nossa entrevista com o dr. Fernando Leitão para o projeto sobre a história dos 50 anos da Escola Nacional de Saúde Pública, hoje, no dia 17 de maio de 2004, com as pesquisadoras Cristina Fonseca e Lisabel Klein. Bom, dr. Fernando, vamos começar... falando rapidamente, o senhor nasceu aqui no Rio de Janeiro?

FL – Nasci no Rio... aqui no Distrito Federal, né? Na época era Distrito Federal. 18 de junho de 1930, às seis e meia da tarde...

CF – Ih, sabe até a hora! (*risos*)

FL – Minha mãe falou, né?

CF – E o seu...

FL – Deu um trabalhão danado, né? O umbigo desamarrou, tive um sangramento enorme. A minha tia “Esse menino não vinga” ... Então a primeira bebida que eu bebi na minha vida foi café.

CF – Ah, é?! Por causa do...

FL – ...por causa do bebê que estava desanimado, estava pálido, ensangüentado, né...

LK – Aí deram café.

CF – O parto foi em casa mesmo?

FL – Foi em casa, com parteira, né, d. Maria.

CF – Ah, que engraçado! Eu não sabia disso, aí o café...

FL – É, o café é estimulante, né?

LK – Depois continuou tomando café o resto da vida.

FL – Não... (*risos*) não. Eu estou lembrando da minha tia que disse: “Esse menino não vinga.” Terminou que nós enterramos ela, né?

LK – Pois é.

FL – Morreu com 90 e tantos anos.

LK – Maravilha.

CF – Aí o senhor tinha o quê? O senhor teve outros irmãos?

FL – Sim, nós éramos 7 irmãos. Dos 4, só tem sobreviventes 4 irmãos.

CF – E seu pai, trabalhava em quê, dr. Fernando?

FL – Meu pai era comerciante. Ele tinha uma (*bonboniere?*), Bonboniere Brasil...

CF – Onde o senhor morava?

FL – Na (?) D. Pedro II, ao lado do trem. Naquela antiga estação, antes dessa nova com a torre. Na velha estação de pedra, né?

CF – Eu não conheço. Era onde?

FL – Era lá mesmo.

CF – Lá mesmo.

FL – Lá mesmo na Central. (*falam ao mesmo tempo*)

LK – Desmancharam? Não. Desmancharam a...

FL – Depois destruíram e criaram a nova.

LK – Ah, criaram a nova!

FL – Durante a obra eles continuaram, aqueles negócios caíram... ele tinha contratos periódicos e na hora da troca de contrato ele ficava nervosíssimo, né? Então eu me lembro que ele teve que entrar gabinete adentro do general (*Saint Robert?*) Pereira...

LK – Saint Robert Pereira...

FL – ...da Costa. E o Saint Robert chamou ele de ousado, disse: “O senhor é muito ousado de vir aqui!” Ele: “Não, é uma questão de vida! Eu tenho de manter a família, né?!”

CF – Como era o nome do seu pai?

FL – Meu pai? Era Joaquim Leitão.

CF – E sua mãe?

FL – Albina Leitão. Na verdade, era Albina Fernandes Leitão. Mas aí suprimiu o Fernandes não sei por quê.

LK – Mas eles vieram de Portugal...?

FL – Não, só ele.

LK – Só ele.

FL – Ele era português e a minha mãe era filha de portugueses.

LK – É, porque Albina Fernandes... só podia ser.

FL – É. E os pais dela eram primos: Francisco José Fernandes e Rosa Albina Fernandes. Quer dizer, na verdade ela devia ser Fernandes e Fernandes, né? acabou... eu tenho uma irmã que tem Fernandes.

CF – É... Nossa!

FL – Uma só ficou. Elza... Maria Elza Fernandes Leitão. As outras todas não.

CF – Por que é que ele tirou?

FL – Não sei! (??) Da cabeça dele.

CF – Dr. Fernando, o seu pai, a vida inteira então trabalhou como comerciante.

FL – Sempre como comerciante.

CF – E o senhor estudou... onde o senhor morava?

FL – Morava no Méier...

CF – E estudava... estudava lá?

FL – A escolaridade eu comecei no Ginásio... Bom, aprendi primeiro com a dona... dona... – esqueci o nome dela – as primeiras letras eu aprendi em casa. Quer dizer, do primário eu fui pra o Ginásio Méier, que depois então eu me transferi pra o Colégio Metropolitano em 1939 e terminei o curso em 49.

CF – E depois?

FL – Depois eu fui fazer o concurso de... fui direto fazer o concurso na Faculdade de Medicina, mas na primeira tentativa não passei e foi bom porque os alunos tinham impetrado um mandado de segurança, porque todo mundo que tinha tirado acima de 5 tinha que ter passado... então ficou uma turma de mais de 200.

CF – Nossa mãe!

FL – Aí eu, no ao seguinte, fiz um curso de pré-vestibular, em que eu estudava Química, Física, História Natural, que era o que se pedia, né? Aí eu passei em 13º lugar tranquilamente...

CF – Pra Fluminense.

FL – Pra Faculdade Fluminense.

CF – O primeiro concurso também foi pra Fluminense.

FL – Foi pra Fluminense também.

CF – E por que é que o senhor resolveu fazer Medicina? O que é que lhe levou...?

FL – Já era uma tendência desde criança.

CF – Mas por quê? Teve contato com algum médico ou alguma pessoa próxima na área...?

FL – Não...

CF – Algum professor...?

FL – Ah, um professor de Biologia da... foi paraninfo até da minha turma. Ele me passou um amor enorme por Biologia. Tanto é que os cursos de Parasitologia da Faculdade de Medicina como o do curso Básico de Saúde Pública, eu tirei com extrema facilidade. Porque não tinha novidade nenhuma.

CF – O senhor já tinha visto tudo...

FL – Eu já tinha visto muita coisa com ele. Ele era daquelas pessoas que a gente levava uma folha, ele identificava um vegetal, a fruta... tudo, né?

CF – Como era o nome dele, o senhor se lembra?

FL – Júlio Maranhão.

CF – Ele foi seu professor nesse colégio Metropolitano...?

FL – Foi meu professor... no Colégio Metropolitano do chamado científico na época, né?

CF – O senhor acha então que ele foi uma pessoa que lhe influenciou na época.

FL – Que mais me influenciou, sem dúvida.

CF – E como é que foi o curso na faculdade? O senhor lembra alguns professores que tenham tido...?

FL – (??) na faculdade, no 1º ano a gente só tinha Anatomia e Histologia. Era tempo integral. Então quer dizer, eu sempre estudava a parte da manhã com Anatomia e a parte da tarde com Histologia e ficávamos vagando o resto do tempo, né?...

CF – Poxa, só duas?!

FL – Só duas cadeiras. Anatomia Descritiva! Porque no 2º ano vinha Anatomia Topográfica. A gente estudava anatomia por regiões. Consolidar tudo... Histologia, Microbiologia. O professor, antigamente a gente chamava ele de professor (?) (*risos*) Mas ele era o pai de um menino que trabalhava aqui. É, esqueci o nome dele. E depois no outro ano, a gente estudou Parasitologia com o professor... ... – Ah, meu Deus!

CF – Ah, depois o senhor lembra! Isso não tem problema, aos pouquinhos vem.

FL – Eu pensei que ele era o tratador do carneiro, sujeito de tão despojado que ele tinha um carneiro pra fazer (??). Esqueci o nome dele agora.

CF – Essa sua turma também era tão grande quanto tinha sido a outra?

FL – Não, a outra turma era de 100 alunos.

CF – Metade da outra.

FL – Metade da outra.

CF – Assim mesmo era muita gente.

LK – Como é que fazia com os laboratórios?

FL – Hein?

LK – Como é que fazia com os laboratórios?

FL – Não entendi.

LK – Laboratório pra essa turma?

FL – Ah, eles tinham... laboratório era farto. Um microscópio por cada aluno, (*falam ao mesmo tempo*) Ele foi um curso muito interessante porque era vasto. Material... Cadáver não faltava, só vendo! Nós tínhamos tudo.

CF – A faculdade estava começando? De quando era, mais ou menos?

FL – Não, ela estava... o que acontecia é que naquele ano, ela foi federalizada.

CF – Ah, tá?! Aí começou a receber recursos.

FL – Isso. Ela começou a receber recursos.

CF – Isso foi em 1900 e...?

FL - ...60 e...

CF - ...49, né?

FL – 49 não. Eu entrei pra faculdade em 51, 51.

CF – Ah, é?! Porque aqui no currículo está 49.

FL – Ah, não.

CF – Foi 51.

FL – 51 a 56.

CF – Ah, tá!

FL – Como é que eu não lembro do professor de Parasitologia...?!

CF – Daqui a pouco quando o senhor menos pensar, aparece o nome.

FL – Ele tinha um filho que era professor de Parasitologia também lá na... Gama Filho. (*Estou falhando?*)

CF – E os colegas?

LK – O Luis Fernando deve saber.

FL – Ah, com certeza! Sabe com certeza. Os colegas... Em todo lugar a gente forma um grupo, né?

CF – Claro!

FL – Então nós tínhamos o grupo do Rio. (falamos ao mesmo tempo) a viagem levava 45 minutos de barca, aquela barquinha: ‘tchá, tchá, tchá...’ Então a gente ficava ali... palavra-cruzada... conversando... Então nós formávamos uma patotinha, né?

CF – E os outros alunos? Vinham de...

FL – Ah, os outros todos ou eram de Niterói mesmo ou vinham do interior. Do interior.

CF – Sei. E desse grupo, dr. Fernando, quantas... o senhor identifica quem o senhor teve mais proximidade? Uma relação entre colegas que perdurou...

FL – Do grupo do Rio era o Luis (*Peres ??*), que é meu colega até hoje...

CF – Luis...?

FL – ...Peres (*Mourelis?*). Ele era filho de espanhóis. Ele... até hoje nós somos amigos... sempre, né?

CF – Ele seguiu que carreira, especialização?

FL – Ele foi pra o Exército.

CF – Ah, tá!

FL – Foi pra o Exército, hoje foi ser patologista do Exército.

CF – Entendi. Só um minuto... (*pausa na gravação?*) Aí...

FL – Do grupo do Rio?

CF – É. Quem mais de colegas assim que o senhor...?

FL – Dos mais chegados que ficaram nos visitando, só esse, só o Luis.

CF – Só. E ao longo do curso, dr. Fernando, assim alguma disciplina em especial lhe despertou mais interesse? Naquela época o senhor já tinha idéia já de seguir carreira na Saúde Pública... ou não, foi depois?

FL – Ainda não. A cadeira de Saúde... a cadeira naquela época era de Higiene, não me despertou muito interesse não.

CF – Quem era o seu professor? O senhor lembra, na cadeira de Higiene?

FL – Não me lembro mais não. Eu soube que o professor Maneco Ferreira era o titular...

CF – Sim...

FL – Mas ele não foi dar aula não.

CF – Não chegou a ser seu professor.

FL – Não chegou a ser meu professor não. Então a única coisa que eu me lembro assim é que nós fomos fazer uma visita à Estação de Águas e Tratamento, Estação de Água lá em Laranjal, (??) lá em Alcântara, Niterói e eu fiz o relatório como o professor pediu. Quando ele pediu pra entregar, todo mundo copiou do meu, sabe? Eu fui o único que fiz.

CF – Nossa!

FL – Porque a cadeira, realmente, era muito desinteressante.

CF – É mesmo?

FL – Naquela época era.

CF – Não tinha nada que estimulasse...

FL – Não tinha nada que estimulasse muito não. Visitava instituições burocráticas, recebia notificação de doenças transmissíveis... um bloquinho do (CID?), né?

CF – CID?

FL – CID é o... um catálogo de...

CF – ...de identificação?

FL – CID... de Identificação das Doenças, que dá o número das doenças.

CF – Sei. Era criado pelo Ministério?

FL – Ministério, até hoje. É em convênio com a Organização Mundial da Saúde.

CF – Ah, tá!

FL – É editado a cada 10 anos.

LK – É o CDI, né?

FL – C-I-D.

LK – É Código de Identificação de Doenças.

CF – Ah, tá!

FL – É. É publicado a cada 10 anos. A cada 10 anos ele é... reeditado.

CF – Aí o professor, ele estava falando do professor do curso de Higiene... na faculdade. Que era um curso que não estimulava muito...

FL – Não! Era um curso muito chocho, sabe? Muito chocho, chocho!

CF – E aí, quer dizer, tinha essa visita a instituições...

FL – É, instituições burocráticas, né? Onde coletava estatística... Mas a notificação, como até hoje, é deficiente ainda, né? Quando eu fui diretor do curso toda a 3ª feira a gente descia com as notificações, né? (Pra ?) ...

CF – Além dessa cadeira de Higiene, não há nenhuma disciplina vinculada à Saúde Pública?

FL – As que eu gostava muito mesmo era Parasitologia e Microbiologia porque eu tirava aquilo ali...

CF – O senhor já tinha...

FL – Eu já tinha um *back ground* muito grande, tá entendendo, lá da minha escola, né, e do ginásio lá no colégio.

CF – E aí, dr. Leitão, aí o senhor terminou em 56, o senhor terminou a faculdade.

FL – 56, é. 56 colamos grau no dia 9 de janeiro de 1957, no Teatro Municipal... (??) e não trouxe porque essa eu deixei lá (??) com os colegas, Teatro Municipal, cantamos o Hino Nacional, o paraninfo era Urologia, dr. Gustavo Gouveia... Engraçado, né, não tem nada a ver com Urologia. Urologia é uma cadeira meio chata.

CF – E por que ele foi escolhido?

FL – Ele foi escolhido pela simpatia (*risos*) e por eleição. A eleição... ganha a maioria, né?

LK – Mas tem uma pergunta antes. A cadeira de Higiene, quem é que levou o grupo a Bambuí... (??)

FL – Não, não foi na cadeira de Higiene não. Foi na cadeira de Doenças Tropicais, no 5º ano.

LK – Ah, tá.

FL – Foi o dr. (*Décio Carreras?*).

LK - Porque aí é um trabalho diferente, né, um trabalho...

FL – É diferente, é...

LK – ...de campo, mas é voltado pra doença...

FL – Pra Doenças Tropicais, como chamavam na época. Que hoje não, é Doenças Infecciosas e Parasitas, né? Agora não é mais. Naquele tempo tinha. Aliás esse conceito de doenças tropicais é um conceito meio errado, né? (???)

CF – É, mas isso, a Lisabel está lembrando uma coisa importante, né, porque essa visita a Bambuí, durante o curso... de Medicina, foi uma coisa importante pro senhor.

FL – Foi, muito importante porque a gente aprendeu muita coisa sabe, e...

CF – Quanto tempo o senhor ficou lá, o senhor lembra?

FL – Ah, foram poucos dias, poucos dias. A gente levava um tempão de trem, chegamos lá às 3 horas da manhã. Um trenzinho daqueles...

LK – Maria Fumaça...

FL – ...Maria Fumaça, né?

CF – O senhor lembra do que é que o senhor viu lá, aonde o senhor foi...?

FL – Eu fui (*formigar?*) casas... (*falam algo*) nas (?), né, em que saíam milhares de barbeiros em vários estágios, né? Então eu trouxe uma caixa com ovos, barbeiros de várias idades, ninfas... *Triatoma (sórdida?)*, *Triatoma infestans* e aquele bonitão que é o (?). (*risos*) Né? O mais bonito deles todos.

CF – Em que ano foi isso, dr. Fernando?

FL – Foi em 55.

CF – 55. No ano em que o senhor se formou?!

FL – Não, eu me formei...

CF – Ah, o senhor formou em 56, né?

FL – Não eu já estava no 5º ano, é. No 6º ano, no 6º ano é Clínica, né? Aí eu fiz aqui na Policlínica do Rio de Janeiro com o dr. Peregrino Júnior, que foi da ABL, né? O de lá era dr. (*Lintz?*). Então nós, como podíamos fazer, optar... chamava-se curso equiparado, então eu resolvi fazer aqui na Policlínica, com o dr. Peregrino, na Policlínica Geral do Rio de Janeiro.

CF – E aí depois que o senhor se formou? Aí... quer dizer, em 56, o senhor se formou em janeiro de 57. Aí...

FL – Aí eu estava desamparado de tudo, né, então eu fiz concurso público pra Prefeitura, pra auxiliar acadêmico de Medicina e pra o antigo SAMDU. SAMDU: S-A-M... Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgências. Passei nos dois...

LK – O Laranja foi do SAMDU também.

FL – Quem?

LK – O Laranja.

FL – Ah, foi, o Laranja sim... eu me lembro dele com o dr. Limaverde. O Limaverde foi meu professor também.

FL – Ah, foi?!

FL – Foi!

CF – Dr. Aristides Celso Limaverde?

FL – Aristides Celso Limaverde

LK – Foi seu professor de quê?

FL – Foi meu professor de Administração Sanitária. Junto com o dr. Bichat de Almeida Rodrigues.

CF – Na faculdade de Medicina?

FL – Não, no curso de Saúde Pública.

CF – Ah, isso já depois, tá. Nós vamos chegar lá.

FL – Não, é porque ele sempre faz essa brincadeira de (?) com Laranja tem que ter o Limaverde. (*risos*)

CF – É, eu conheci o dr. Limaverde.

FL – A mesma coisa quando nós fomos pra Pirapora, nós sempre fazíamos contato com alguém de Pirapora. Então tinha que fazer contato com o Lobo. Então eu liguei lá pra e falei com o Lobo: “Lobo, aqui é o Leitão!” (*risos*) Aí ele não acreditou, eu tive que passar pra o dr. (*Sávio?*) pra ele confirmar que não era piada nem brincadeira, né? (*ri*)

CF – Ah, que ótimo! Aí então o senhor foi trabalhar no SAMDU.

FL – No SAMDU e na Assistência Municipal.

CF – Como é que era esse trabalho do SAMDU?

FL – Era entrar na ambulância, atender em casa... era, passando mal, aí vinha um papelzinho assim: “Dr. Fernando... sei lá, rua tal, não sei quê, passando mal...” A gente lia e ia ver o que é que era.

CF – As pessoas ligavam pra um...

FL – ...pra o posto, pra o posto, pra telefonista. A telefonista é que passava pra alguém, gritava num autofalante e a gente saía pra atender.

CF – E aonde era o posto que o senhor trabalhava?

FL – Na Penha.

CF – Na Penha?

FL – Na Getúlio Vargas.

CF – AH, tá!

FL – Por isso que eu voltei pra Getúlio Vargas, né?

CF – Ah, tá. Entendi.

FL – A gente saía na ambulância, eram dois plantões de 12 horas e o SAMDU era um plantão de 24 horas. 24 horas que nós estávamos... e eu preferia ficar na rua. Então como a (?) é muito longe, então eu passava em Nova Iguaçu, telefonava pra o Posto: “Tem algum chamado aqui pra essa área?” Eu anotava e voltava. Porque ficar no Posto é uma droga, sabe? Porque a gente trabalha com um... a existia muita influência política do João Goulart, então iam uns enfermeiros incapacitados, sabe...? Vocês conhecem daquelas ampolinhas de acetilcolina? Ela vem (*biofilizada?*) e vem um outro vidrinho da água destilada, bem destilada, pra poder dissolver. E o sujeito... eu via jogando fora a ampola “Mas o que é que é? Não tá tudo seco?” (??) “A coisa não é assim não! Tem de misturar...” A enfermeira, você não pode confiar na enfermeira.

CF – Isso no Getúlio Vargas.

FL – Não, isso no SAMDU, que foi em Caxias...

CF – Pois é, isso que eu queria entender. O SAMDU funcionava em Caxias.

FL – Caxias.

CF – Ah, tá! Mas o SAMDU tinha vários postos.

FL – O SAMDU tinha vários postos por aí.

CF – Pela cidade. Vários locais na cidade.

FL – A sede era na Rua Matoso, onde é o PAM Matoso, que hoje chamam de PAM Hélio Peregrino.

CF – E o senhor trabalhava no posto de Caxias.

FL – No posto de Caxias. Com mais três... quatro colegas. Sendo um, que era o mais velho, ele era safado, ele escondia a ambulância pra gente chegar pra ficar na vez. Ele levava pijama!

CF – E dormia.

FL – Pra dormir, pra não sair. Quer dizer, ele burlava pra que alguém saísse, ele ficava escondido não sei aonde... Era safadeza, né?!

CF – E o senhor acha que esse serviço funcionava bem, dr. Fernando?

FL – Olha, pelo menos funcionava como serviço de... porque a maioria do pessoal que chamava o SAMDU, principalmente da Light, era pra ganhar um dia de trabalho. Porque se ele foi chamado pelo SAMDU, ele pelo menos tinha o dia abonado.

CF – E por que a maioria era da Light? Eu não entendi.

FL – Porque... por coincidência...

LK – ...a região...

FL – ...Vilar dos Teles é onde morava a maioria dos funcionários da Light. E era de lá que vinha a maioria dos chamados. Eu acho que eles sabiam (?) eles, né?

CF – Mas aí as pessoas estavam realmente doentes? Não.

FL – Às vezes não. Quantas vezes eu chegava, examinava alguém, gritava, eu botava a mão na cama, a cama friinha, né, o cara tinha deitado na hora! Quer dizer, isso era pra conseguir licença.

CF – Entendi. Dispensa do dia de trabalho.

FL – Dispensa do dia de trabalho. Agora, no caso de parto não. No caso de parto era uma coisa séria e a nossa jurisdição ia até Japeri. Sabe, Japeri?

CF – Sei. Longe.

FL – Sabe onde é, né, raiz da serra, né? (???) e então eu me vi em várias dificuldades atendendo parto. Porque às vezes a gente trazia mais de uma gestante pra levar de Japeri pra Clara Basbaum lá em Laranjeiras! E às vezes algumas mulheres no sacolejar entravam em trabalho, né?

CF – Nossa!

FL – E era eu e o motorista.

CF – E aí?

FL – E aí a gente tinha que parar num posto de gasolina que desse luz, eu pedia pra ele me ajudar, ele não queria nem ver, a maca é do lado esquerdo, eu não sou canhoto, quer dizer, pra fazer parto no escuro, na apalpação, né?

CF – Nossa!

FL – Quer dizer, às vezes a criança nascia. Então nós passávamos de passagem no Hospital do (IAPTEC?) e deixávamos a mulher lá e se ele tivesse nascido não podia internar, tinha que devolver. Mas aí ele já estava com (?) de placenta e tem que deixar aí. Aí o colega também entendia, né? A gente ia voltar com a mulher já parida, né?

LK – Claro.

FL – Com as outras ainda pra entregar!

CF – Ah, porque o senhor vinha com várias mulheres! Nossa!

FL – Várias mulheres. E uma choraminga, a outra grita, a outra também, né? e quer dizer, uma vinha na maca, as outras vinham na cadeira. Tinha duas cadeiras. É, foi um negócio (??) foi. Eu ia pra lá...

CF – Onde é que é o Hospital do IAPTEC, dr. Fernando?

FL – É em Bonsucesso.

CF – Bonsucesso.

FL – É na esquina da rua... é o Hospital Geral do Bonsucesso...

CF – É onde hoje é o Hospital de Bonsucesso, tá.

FL – Na Rua Londres. Esquina de Londres com a Avenida Brasil.

CF – É, porque eu não sabia que ali era o IAPTEC. Bom, aí o senhor ficou nesse trabalho (??) Getúlio Vargas...

FL – Até a conclusão do curso, né? Porque eu ainda estava na Faculdade de Medicina também, né?

CF – Mas aí depois que o senhor se formou, o senhor continuou...

FL – Enquanto eu estava no 6º ano, estava trabalhando nesses dois lugares...

CF – No Getúlio Vargas e no SAMDU.

FL – No Getúlio Vargas e no SAMDU de Caxias. E aí... quando o aluno se forma, eles nos cortaram. Porque era um... a gente assinava um pré-contrato, né, quando terminasse o curso, você estava desligado. Eu me lembro até quando eu fui trabalhar, não tinha mais cartão de ponto “Você está desligado.” Aí o chefe do plantão “Pelo menos fica aqui hoje porque os outros seus colegas não ficaram.” E foi num dia de um desastre, um trem de passageiros entrou na traseira de um trem de carga, que abriu o trem assim, sabe como é que é?

CF – Nossa senhora!

FL – Então os enfermeiros iam com bandejas de morfina pra a gente ver quem é que se mexia e aplicava morfina assim, pingando sangue na gente...

CF – Nossa senhora!

FL – Até a equipe de substituição vir. E foi o último plantão assim, foi um desastre, sabe?

CF – Bom, e aí o senhor foi fazer o quê, o senhor se formou...?

FL – Bom, fiquei desempregado, eu já estava namorando a minha mulher há muito tempo, eu comecei a namorar eu acho que nos anos 50. Quer dizer, ela ficou me esperando 7 anos. – Parece até a da novela, né? – (ri) 7 anos ela ficou me esperando. Aí numa... numa chamada do SAMDU na raiz da serra... aí apareceu uma vaga de médico lá. Então eu fui trabalhar na raiz da serra, em Pau Grande. Terra do Garrincha...

CF – No hospital?

FL – Não, era fábrica de tecidos. Fábrica de Tecidos América Fabril. Companhia América Fabril de Tecidos. E eu fui ser médico lá da...

CF – ..da fábrica.

FL – ...da fábrica, né? Tinha um outro colega que vinha uma vez por semana e eu ficava os outros dias.

CF – Aí o senhor passava a semana lá.

FL – Passava lá, morava lá.

CF – Mas aí o senhor casou.

FL – Aí eu me casei. Porque os salários do SAMDU e da Assistência na época, somados, dava 15 mil não sei o quê. Aí deu pra comprar... geladeira, deu pra comprar móveis...

CF – O senhor foi fazendo o enxoval. (ri)

FL – Fui fazendo o enxoval. Sabe como é que é? E nós fomos pra lá recém-casados, né?

CF – Aí o senhor ficou quanto tempo lá?

FL – Fiquei até... até 59. Aí o primeiro filho já nasceu lá, quer dizer, não nasceu lá, nasceu aqui no Rio, mas levamos já ele pra lá, chegou a visitar creche, né?... Aí o dinheiro era muito pouco. Eu ganhava 12 mil réis ou não sei quê, aí não dava pra... Só o berço do menino custou 10! Tanto que teve que vir despachado pelo trem de Leopoldina, veio todo engradado... Era trem, aquele trem que subia a serra, o nosso passeio assim, de lua-de-mel, era subir a serra, ir até Petrópolis, (??)...

CF – Devia ser muito bonito, né? Naquela época...!

FL – É, foi uma época muito feliz, sabe? Tanto pra mim quanto pra ela. Ela andava contente da vida, né? Uma casa grande, aí os parentes iam pra lá... Me lembro bem de um dia, dia 29 de junho de 58 quando o Brasil ganhou a Copa na Suécia. Então estava a família toda lá, a gente escutando o rádio, né? Foi uma festa danada, né? Aí fizemos um banquete danado, no meio do banquete veio uma parteira me chamar (*risos*) que tinha um parto lá fora que ela não estava conseguindo resolver.

CF – Aí o senhor teve que ir lá...

FL – Aí tive que largar o almoço, fui lá, sorte, né, que a mulher estava com dilatação total e bolsa d'água íntegra. Porque foi só romper a bolsa, né? Fora as folhas que ela botava na barriga, aquela camisa do marido invertida... umas rezas, umas coisas... botei todo mundo pra fora, fiquei sozinho com um enfermeiro, peguei a criança de costas, desarticulei e dei uma pontuação na barriga dela, arrebentou a bolsa e com a bolsa veio a criança, veio tudo, né? Aí bom, aí fama de parteiro. (*risos*) Coisa que na faculdade foi muito ruim, o curso de... Obstetrícia. O professor era um... – até está numa outra fotografia – era um velho que só queria aplicar fórceps alto, tratava aborto com... (?) choque...

CF – O que é que é isso?

FL – Pois é, não existe, essa coisa mudou!

CF – Mas o que é? A criança...

FL – É introduzir um tubo perfurado, introduz na vagina, né, e ele contrai e retira os restos placentários. Hoje seria uma curetagem ou... não é? E ele falava nisso... o pessoal chamava ele de “Divino Mestre”. (*risos*) E ele acreditava. Dr. Otávio de Souza. Ele acreditava.

LK – Ele acreditava, né?

FL – E o pior, uma vez ele quebrou a perna, então ele marcava a quem fosse visitá-lo, ganhava nota de estágio.

CF – Gente! (*ri*)

FL – Então era uma caravana entrando na Casa de Saúde pra poder ganhar nota, né? Na mesma época o (*Zizinho?*) quebrou a perna. – Zizinho jogador do Flamengo! – E ele dizia: “Não sai uma nota, do Zizinho sai páginas inteiras! Fotografia da radiografia e de um professor universitário não sai nada!” (*risos*) Chega a ser ridículo, né?!

CF – Mas dr. Fernando, aí então o senhor volta então pra o Rio em 59.

FL – Em 59.

CF – E aí o senhor vai fazer o curso de especialização em Pediatria no Hospital Jesus.

FL – Ah, esse... esse já tinha feito.

CF – De 59 a 1960... que o senhor faz esse curso...

FL – No Hospital Menino Jesus, isso mesmo.

CF – Quer dizer, aí o senhor resolveu se especializar nessa área.

FL – Em Pediatria.

CF – Por quê? O que levou o senhor a optar? Algum motivo especial?

FL – Não, não houve nenhum motivo especial não.

CF – O fato de o senhor ter trabalhado...

FL – Talvez ter trabalhado no Jesus, é. Trabalhava no Jesus com um pessoal muito consciencioso, né, que dizia que o problema da criança nunca foi a criança, era o em torno dela, né? Quer dizer, o problema da criança não é ela. A gente via barbaridades, né? Então a gente, eu achei que eu podia aprender muito, né? Então fiz o curso. Foi um curso até muito longo.

CF – Mas aí enquanto o senhor fazia o curso, o senhor estava trabalhando aonde? Lá também?

FL – Lá também. Depois eu fui trabalhar no Hospital Rocha Faria. E que ele abriu lá um... Porque eu tinha feito um concurso pra Prefeitura, quando eu estava no 3º ano, pra técnico de laboratório e as cadeiras... a eliminatória era Aritmética, Física, Biologia... mas eu levava quase dois anos entre uma aplicação da prova e outra. Quer dizer, quando eu acabei o curso eu já estava médico. E a maioria dos colegas que fez o curso não passou em aritmética. Eu peguei o livro do Antônio Fazano e fui... estudar frações, regras de três, simples, composta... aquelas coisas de aritmética, né? Aí eu passei com 94. Os meus colegas foram reprovados porque não deram importância à Aritmética “Isso é besteira”, tá entendendo, e eu pude fazer prova de Física, Biologia e depois a prova prática de laboratório que foi no Hospital Souza Aguiar. O velho ainda, né, aquele antigo. Aí passei e então fui... tinha que ser nomeado pra algum lugar, fui nomeado pra o Hospital Rocha Faria. Que abriu uma ala de pediatria pra mim. Porque não tinha.

CF – Ah, o senhor é que iniciou as atividades de Pediatria no Rocha Faria!

FL – No Rocha Faria. A prática foi no Rocha Faria. O... o formulário era um formulário padrão que já existia no Ministério da Saúde, que a gente (*receitava pros códigos?*) (0109?). Então resultava... (*interrupção da fita*)

Fita 1 - Lado B

CF – ...e era, o formulário era o mesmo e de lá, um colega que trabalhava no Bangu... no 13º Distrito de Puericultura, que naquela época os distritos eram: eram: Distrito de Puericultura, Distrito de Higiene, Distrito de Tuberculose. Separados, ligados a departamentos separados. Não tinha nenhuma (?). E ele não quis ir pra o Jesus, conversou com alguém influente lá...

CF – E como foi esse trabalho? Distrito de Puericultura, Distrito de Higiene... Como é que era...?

FL – Não tinha ligação nenhuma com a outra.

CF – O que é que envolvia as atividades do Distrito de Higiene?

FL – O Distrito de Higiene era pra a notificação de doenças transmissíveis e fazer os atestados de impedimento pra que a pessoa não trabalhasse durante o tempo da doença transmissível, até receber o atestado de liberação, fazia isso. O de Tuberculose tratava os casos de tuberculose... Se a criança fosse tuberculosa, ela tinha que ser consultada na... no Distrito de Tuberculose.

CF – Ah, não era no Distrito de Puericultura.

FL – Não era. Até que em 1970 foi criada justamente uma Unidade Integrada chamada Centro Médico Sanitário Waldir Franco em Bangu que reunia tudo: tuberculose, higiene, tudo... E aí foi uma debandada... os diretores dos distritos, todos pediram demissão.

CF – Por quê?

FL – Porque ficaram sem o que fazer. Não tinha... aquela unidade era experimental ainda. E foi... e lá então integrava... no andar de baixo atendia assistência hospitalar, vinculada ao Rocha Faria, tinha os médicos do Rocha Faria, cirurgiões e outros e em cima trabalhávamos todos em atenção à criança e à mulher, à tuberculose, hanseníase, tudo. Mas tem esse dr. (*Maksuda?*) – Chegou a conhecer? Não, né? – (?) *Maksuda*, ele ficou conhecido porque foi substituir o (*Da Gama?*), né, ele morreu... morreu não, o SESP tirou. Tirou todo mundo de volta. Então... eu me perdi um pouco agora.

CF – Eu estava querendo entender isso. O senhor estava falando que o senhor estava trabalhando no Rocha Faria e teve essas separações...

FL – É, separação, isso.

CF – ...dos distritos, até que em 70 se cria...

FL – ...criou essa ala, Waldir Franco.

CF – Centro Municipal de Saúde Waldir Franco.

FL – Waldir Franco em Bangu.

CF – E os senhor continuou trabalhando nesse centro.

FL – Continuei trabalhando na parte de criança. Aí eu ficava com o lactário, a re-hidratação e o atendimento clínico. E lá que eu aprendi até a fazer a técnica de (*Urbaniac?*), uma técnica de hidratação por via subclávia, ... aprendi aquilo...

CF – *Urbaniac* que chama?

FL – (*Albaniac?*).

CF – *Albaniac*.

FL – *Albaniac*. Era um francês que tratava de cólera no norte da África porque o doente de cólera, precisa ser re-hidratado imediatamente. Porque o que mata o doente da cólera é a desidratação. Então pegava as femorais... mas dentro daqui eles achavam que era melhor, e eu aprendi... hoje eu tenho horror disso, né, mas é uma coisa que eu aprendi bem, tanto que o pessoal lá de baixo vinha me chamar pra fazer. Então tinha aquele estojinho pronto, uma agulha 40 com o (?) cortado... aí botava o soro... (*falam ao mesmo tempo*) ainda estava na veia, botava de novo... (*ri*) Era um horror ver aquela espetada, espantava as mães, né? Dava uma espetada aqui... Mas aprendi.

CF – Dr. Fernando, e esse posto era do município, né?

FL – Era do município. Não, naquele tempo não, era Estado da Guanabara!

CF – Estado da Guanabara, né?!

FL – Era Estado da Guanabara. E o Lacerda deu muita atenção, deu muito apoio ao secretário de Saúde da época...

CF – Quem era, o senhor lembra?

FL – Pois é, estou querendo me lembrar do nome dele. (?) Garcia. Marcelo Garcia! Dr. Marcelo Garcia. E eu comecei trabalhando só de manhã, aí eu vi se podia fazer o dobro, né, aí eu falei com o diretor que eu também queria trabalhar à tarde, mas nessa altura eu já ganhava como técnico de laboratório. E ele disse: “Não, tudo bem. Eu vou dobrar o seu salário de técnico de laboratório.” Eu disse: “Não, eu quero ganhar à tarde como médico!” Um médico ganha 25 mil, eu vou ficar com 14?! Aí eu fui lá no gabinete do dr. Marcelo e dei uma espinhação lá no diretor e ele ficou enciumado depois, pensou que eu estava querendo ser diretor, né? Eu não queria, sabe? Eu...

CF – O senhor só queria ganhar como médico, né?

FL – ...só queria ganhar um pouco mais, né? Claro.

CF – Aí dr. Fernando, aí o senhor fica lá nesse posto de 56 até 62, e é exatamente em 62 que o senhor vem pra Escola.

FL – Justamente. Foi o Maneco...

CF – Fazer o curso Básico de Saúde Pública.

FL – ...o Maneco indo lá, perguntou pra mim...

CF – Maneco Ferreira foi ao posto, nesse centro municipal.

FL – É, nesse centro municipal.

CF – O senhor conheceu ele lá.

FL – É, só conheci ele lá.

CF – Ele foi lá fazer o quê? Foi fazer...

FL – Ele foi lá ver como é que estava funcionando essa coisa que estava criando tanta celeuma, né? O pessoal do SESP, só você vendo, um médico do SESP ganhava 90 mil e um médicos do estado ganhava 25! As visitadoras sanitárias ganhavam muito mais que a gente! 60 mil!

CF – Mas aí no posto, nesse Centro Municipal Waldir Franco, trabalhavam funcionários do SESP também.

FL – Do SESP também. Trabalhavam lá também, em tempo integral.

CF – Ah, entendi!

FL – Enfermeiras e um médico. Era o japonês, né, o (*Maksuda?*). E tinha...

CF – Aí tinha um problema, uma divergência porque os funcionários do SESP tinham um salário muito maior do que os funcionários do posto.

FL – Muito maior... do posto...

CF – Os funcionários do estado.

FL – É.

CF – E o Maneco nessa época era do SESP.

FL – O Maneco não, o Maneco...

CF – Ele foi lá, por que é que ele foi...?

FL – O Maneco era superintendente de saúde pública. Do Estado da Guanabara.

CF – Hum, entendi! Aí ele foi lá...

FL – Aí ele perguntou se eu queria fazer o curso de Manguinhos, naquela época se chamava Curso de Manguinhos. Eu disse: “Ah, eu quero.” Então ele me liberou pra fazer o curso, me lotou no gabinete dele, posto à disposição pra poder fazer o curso. Aí eu fiz o curso, foi um ano, o curso antigamente era um ano.

CF – Agora deixa eu só entender um pouquinho. Como é que fica... antes de a gente chegar na Escola – como é que ficou essa questão salarial dos funcionários?

FL – Ah, eu fiquei ganhando...

CF – Não, mas... houve um aumento de salário...?

FL – Não, não houve.

CF – ...Essas divergências dos funcionários do SESP...?

FL – Não, a gente passou a ganhar 5 salários mínimos. Foi o Lacerda que introduziu o pagamento no banco. Porque antigamente a gente recebia pelo pagador. O pagador vinha com o carro, trazia umas malas e dava o dinheiro em *cash*, assim na mão da gente.

CF – Ia ao posto e pagava cada um.

FL – É, ia ao posto. A gente ficava telefonando... “Tá no Rocha Faria... tá vindo, tá chegando, tá (??)...” (*risos*)

CF – Imagina (?).

FL – (???) Era o dia que a gente ia fazer um churrasco, né? Eles vinham com metralhadora...

CF – É?!

FL – É, porque têm medo, né? Se a gente, por acaso, não pegasse o pagamento tinha que correr na Secretaria de Administração ali no 118 da Erasmo Braga e eles então pagavam à gente...

CF – Aí com o Lacerda é que se passou a receber no banco.

FL – Passou a receber no banco, direitinho... ele dava a tabela do ano inteiro, a gente sabia exatamente o dia de pagamento, não ficava esse negócio de “quando é que sai o pagamento”.

CF – E agora, dr. Fernando, e os problemas das divergências, as diferenças com os funcionários do SESP? Isso não resolvido, continuou.

FL – Não. Nós não tínhamos diferença com eles. Nós tínhamos pleiteado ao Estado que nos equiparasse.

CF – Mas com ele não tinha (??)...?

FL – Não, com o SESP o trabalho era muito bom. Aprendi muita coisa porque eles tinham uma experiência de interior, né? A gente aprendia muita coisa com eles.

CF – O senhor lembra de quem já trabalhou no SESP nessa época?

FL – O (*Hiroshi?*) Maksuda...

CF – Sim, além...

FL – ...a enfermeira Hemengarda (??)...

CF – Ah, a d. Hemengarda também...

FL – A d. Georgete, a d. Januária...

CF – A d. Elza Paim falou nelas. Enfermeiras, né?

FL – É, isso mesmo.

CF – Ela falou delas. ... Aí então o senhor veio, através do dr. Maneco Ferreira, o senhor veio fazer o curso de especialização em Saúde Pública.

FL – Isso mesmo.

CF – E como é que foi? Vamos falar um pouquinho, como é que foi a sua chegada aqui na Escola...?

FL – (??) sala do ministro Raimundo de Brito, que está numa dessas fotografias aí, (??) (*falam ao mesmo tempo*)

LK – (??) me diz uma coisa, esse curso é em 62, né? (*falam ao mesmo tempo*)...

FL – Hein? É, 62.

CF – Ainda não é aqui.

LK – Não é aqui.

FL – Não... não...

LK – Era um posto itinerante.

CF – É. A Escola, o prédio foi inaugurado em 66.

FL – 60 e 3, né?

CF – 6. (falam ao mesmo tempo) É?

FL – Foi no ano que eu vim pra cá, depois.

CF – É, mas aí o senhor já tinha feito o curso.

FL – É, aí eu vim já requisitado, diferente. Era uma outra história...

CF – A gente vai chegar lá. Mas aí como é que tá? O senhor teve aula...

FL – O Raimundo de Brito conversando com o Maneco, conversou com o Blois pra eu vir pra cá, sabe como é que é? E eu entrei justamente com a Acássia.

CF – Mas isso já depois, né, dr. Fernando?

FL – É, isso foi em 66.

CF – É, mas vamos falar um pouquinho do curso. Como é que foi esse Curso Básico de Saúde Pública?

FL – Era um curso de um ano em que a gente estudava no Instituto Fernandes Figueira. Tinha aula de Epidemiologia lá com o dr. Lincoln, (???), dr. (*Délio?*), (*Délio da Costa?*), alemão, que era assistente dele, professor Achilles Scorzelli, o Limaverde, (*Aristides Celso?*) Limaverde, Bichat de Almeida Rodrigues... e o marido da... daquela da casa das palmeiras, Silveira...

CF – Ah, o senhor está falando do dr. Mário Magalhães?

FL – Mário Magalhães da Silveira... que nos dava aula sobre... (?)... Fundamentos Sócio-econômicos, serviço...

CF – Como é que era o Mário Magalhães? É porque o Mário Magalhães é uma pessoa...

FL – Ih, era uma (?) (*coisa?*)! Nunca vi um homem tão magro, ele cruzava as pernas, os dois pés ficavam no chão. (*risos*) (???), sabe como é que é? Uma coisa...! Mas muito inteligente, as aulas dele eram muito interessantes, sabe? Ele abriu uma perspectiva.

CF – Por quê?

FL – Depois do curso a minha cabeça abriu, sabe? Se eu tivesse noções do curso quando eu trabalhei lá em Pau Grande... ô, tinha sido outra coisa!

CF – Por quê, dr. Fernando? Isso é importante.

FL – Porque coisas aconteceram lá que podiam ter sido evitadas.

CF – Por exemplo?

FL – Por exemplo, febre tifóide, tivemos uma vez... Eu descobri um caso de febre tifóide que era de um outro colega. Porque tinha esse negócio, tinha clientes que só queriam o dr. (*Walter?*), dr. Pedro, que era um outro médico. E eu era o médico novo. Alguns pelo contrário, gostam de experimentar o novo, né? E eu fui à casa dele porque a família chamou porque ele não tinha melhorado, chegamos lá, ele estava com sintomas típicos de febre tifóide, né? Febre tifóide, febre alta, pulso não correspondente, né, e flacidez... então mandei fazer hemocultura na reação (*Vidal?*), deu positivo. Aí veio lá de Petrópolis, um sanitarista, dr. (*Hermano??*), e ele veio e aí foi comigo visitar, confirmar o sistema de águas, sistema de esgoto... E eu achei o trabalho dele muito interessante, então “Eu vou querer fazer isso aí”. Por ele eu não teria feito Saúde Pública.

CF – E o senhor acha que a sua passagem, esse primeiro curso foi importante pra o senhor, pra mudar a sua...

FL – Foi, pra mudar a... a percepção de vida, né? A percepção de que as doenças não são... não caem do céu, não são (*deterministas?*), né, elas são probabilísticas, né? Depende de uma porção de fatores, não tem nada: porque fez assim, vai acontecer assim. Quer dizer, aquela teoria de Pasteur, né? Não existe geração espontânea. Porque as pessoas falam: se juntar lixo num canto aí e trapo, vai aparecer rato. Né? Então não era assim que ele falava, né? Até que ele fez aquela experiência do... de bico... de ganso, né?...

CF – É, essas coisas... Não, porque essas coisas são importantes... é uma fase de mudança...

FL – É, mas essas coisas são muito sabidas em Microbiologia, né?

CF – Não, mas eu estou falando do processo de formação, né? Quer dizer, da formação do sanitarista... da mudança na visão...

FL – Ah, mudou! Mudou totalmente? Fiquei outra pessoa.

LK – O Maneco não dava aula.

FL – O Maneco não, o Maneco não dava aula não.

LK – Quem dava (??)?

FL – O Maneco devia... eu escutava muito as conferências dele, né?

CF – Ele fazia conferências?

FL – Fazia conferências, abria simpósios, né?... Lá de Curitiba, por exemplo, ele abria os simpósios... depois nós nos reuníamos todos lá num clube, Santa Mônica, aí ele fez uma brincadeira assim: “Quem é do Pará, quem é de não sei aonde...?” Aí mandava falar qualquer coisa da região... Ele tornou uma coisa assim, gostosa, né?

LK – O Sávio não deu aula nesse curso...

FL – Sávio deu, mas o Sávio... ele era uma personalidade forte e ele batia de frente com o dr. (*Oswaldo?*). Porque era ele, junto com o grupo do Sávio, porque era subordinado ao Sávio, o Luis Fernando, o Jorge Valadares... (?) Raposo, Acássia... e havia então, sempre falava nas técnicas, como é, “a teoria das técnicas e a técnica das teorias”, sabe? A gente aprendeu uma maneira de planejamento chamada (*SENDS, SENDS/OPS?*) que não se aplica à realidade brasileira de jeito nenhum...

CF – Mas isso foi já quando o senhor veio pra cá, né?

FL – Já foi quando eu estava aqui.

CF – Quando o senhor já veio pra cá, né? A gente vai chegar lá. Eu só queria fechar com o senhor esse período de curso que o senhor fez, do curso Básico de Saúde Pública.

FL – É. Eu fiz o curso Básico...

CF – Quem mais... o senhor lembra de mais alguém que tenha feito esse curso com o senhor? A sua turma era muito grande...?

FL – A turma era grande. Não, não era grande não, eram 15 alunos!

CF – 15.

FL – 15 só.

CF – E eram pessoas todas daqui, vinha gente de fora...?

FL – Vinha gente de fora também, tinha muita gente de fora.

CF – De outros estados.

FL – De outros estados, isso mesmo. A maioria enviada pelo SESP.

CF – A maioria enviada pelo SESP.

FL – Enviada pelo SESP.

CF – É, isso era uma coisa importante...

FL – Aliás o SESP obrigava os seus médicos a fazer o curso de Saúde Pública.

CF – E aí, isso é outra coisa interessante...

LK – (??) do curso.

CF – ...essa foto...

FL – É. Tem mais de 15 aí, né?

LK – É, mas aí... (*falam ao mesmo tempo*)

CF – Essa foto aí é do curso.

FL – Mas no final ficaram mais de 15. Alguns foram voltando, alguns foram reprovados...

LK – Reprovados?

FL – É.

CF – O que me chamou a atenção aqui, dr. Fernando, que é uma coisa importante, nessa época os cursos eram separados, né? Pra médicos, enfermeiras...

FL – Médicos, enfermeiros, engenheiros.

CF – Né? E essa turma, a sua turma era de médicos, né?

FL – É.

CF – E aqui a gente já vê mulheres, quer dizer, já tem mulheres médicas voltadas pra especialização em Saúde Pública.

FL – Tem... tem.

CF – Isso é uma coisa nova.

FL – Pois é. Atualmente os cursos de Medicina, a maioria é mulher, agora.

CF – Pois é, mas nessa época as mulheres da área de Saúde Pública preferiam ir pra Enfermagem, não é?

FL – Iam pra Enfermagem, exatamente.

CF – Essas suas colegas médicas, o senhor se lembra, vieram de onde?

FL – A Dorotéia veio de Goiás. A Dorotéia (??). Essa aqui veio de... Rio Grande do Norte. O que está atrás de mim é o Waldir, veio da Bahia. Eu estive com ele no Congresso, aí foi me mostrar a Igreja do Bonfim...

CF – Agora, essas mulheres, elas seguiram carreira na área de Saúde Pública?

FL – Não sei. Não tive contato.

CF – O senhor não teve mais contato.

FL – Nunca mais tive contato com nenhuma delas. A não ser com o Etevaldo, que está aqui... que aqui foi o curso básico. O Etevaldo veio fazer o curso de Planejamento (??)

CF – O Senhor se reencontrou com ele. Quer dizer, e foi aí... isso é outra coisa importante a gente deixar registrada. Durante esse curso, que é esse que a foto está mostrando, foi que o senhor fez a visita ao Posto Samuel (*Libano?*). Né?

FL – Libano. A visita ao Posto Samuel Libano foi anterior, né?

CF – Ah, não é aqui? (*falam ao mesmo tempo*)

FL – Aí já estou na faculdade. (???)

LK – Esse aqui é na casa...

FL – (?) Carvalho.

LK – ... (?) Carvalho, que doou...

FL - ...que doou o terreno do Samuel Libano.

CF – Não é aqui, não é nesse lugar.

FL – Não, aí não. Eu não tenho fotografia do Samuel Libano não.

CF – Ah, tá, entendi. Porque eu achei que a casa dele fosse junto com o posto.

FL – Não, a casa era... foi lá no posto.

CF – Era perto.

FL – Foi ele que doou o terreno.

CF – Tá. Mas aqui não...

FL – Aí ele deu uma feijoada pra gente. Porque ele era muito ligado a meu pai e ele ia sempre lá pra tirar pressão, coisa assim, né?... E acabou morrendo de hipertensão mesmo. Ele era

casado com uma uruguaia, essa aqui, d. Antonieta. Não tiveram filhos... ela sempre reclamava de morar lá naqueles cafundós, né?

CF – É, naquela época, Vargem Grande, né?

FL – Vargem Grande (!)?

CF – Era uma área rural mesmo, né?

FL – Rural! A eletricidade ia até o Posto Samuel Libano.

CF – Ah, é?!

FL – É. O último poste era no Samuel Libano.

CF – E durante o curso tinha estágio no posto, né?

FL – Tinha estágio no posto.

CF – O posto era uma unidade de treinamento.

FL – Uma unidade de treinamento.

CF – Como é que foi esse treinamento? O senhor lembra?

FL – A gente ia lá ver, acompanhávamos as visitadoras, víamos o que elas faziam. Elas tinham passagem... bastava estar uniformizadas que tinham entrada nos ônibus, né, e nós íamos com uma caminhonete, ia visitar onde elas trabalhavam e assistir...

CF – Iam às casas dos pacientes.

FL – Íamos na casa dos pacientes. Insistir que eles procurassem fazer certidão de nascimento, né, tomavam BCG também... Eu vi muita coisa interessante. E nós tínhamos reuniões com as curiosas...

LK – As parteiras...

FL – ...parteiras curiosas, às quintas-feiras elas iam pra lá e aí recebiam luvas, tesoura, ataduras... mercúrio-cromo... o que elas precisassem nos partos. Mas o que se queria era que elas notificassem pra poder inscrever a criança, com certidão de nascimento.

LK – Vacinar, né?

FL – E vacinar! Ah, depois elas vinham... aí mantinham uma fichinha delas, elas iam vacinar caso a paciente não viesse na data marcada.

LK – O senhor conheceu a Elza Paim aí?

FL – Conheci muito a Elza Paim!

CF – Não, mas aí?

FL – Não. Conheci aqui.

LK – Já na ENSP.

FL – Aqui na ENSP.

CF – Agora, dr. Fernando, quer dizer, e esse trabalho no posto, o trabalho das parteiras, das curiosas, era voltado especificamente pra atendimento de parto das gestantes e de...

FL – ...e de puerpério.

CF – ...puerpério. No caso, o que mais o posto fazia?

FL – Agora, uma coisa que as parteiras do interior fazem, que é uma coisa interessante, elas tomam o lugar da parturiente. Elas ficam na casa da parturiente, fazem a comida do marido, cuidam da casa, passam, lavam...

CF – Enquanto ela faz o resguardo.

FL – ...enquanto ela está de resguardo.

CF – Ah, que interessante!

FL – Uma coisa interessante, né? Elas assumiam o lugar a parturiente.

CF – E o posto? O posto se concentrava nessa atividade ou fazia outro atendimento médico...?

FL – Não, fazia Odontologia também... Odontologia, o que se podia fazer, né? O máximo era extração mesmo, né? Porque eles têm um... essas pessoas do interior têm um... a noção de que fatalmente vai usar dentadura quando for velho, né? Então eles arrancam dente e pedem pra arrancar dente.

CF – E a parte de clínica-médica, de atendimento médico pra...?

FL – Tinha médico, mas era muito sintomática, né? Qualquer coisa que piorasse tinha que mandar pra o Carlos Chagas. Então uma vez chegou lá um intoxicado... com agrotóxico, né, numa caminhonete, o primeiro-socorro eu me lembro que eu fiz, mas eu liguei pra o... – como é que chama? – Carlos Chagas, aí pelo telefone eles disseram que o que eu tinha feito estava certo, né? Mas eles vieram buscar o homem. Tinha dado sulfato de magnésio... posto um (?), foi até engraçado, eu mandei a enfermeira, a auxiliar, “Bota ele na posição de (??)” ...

CF – Posição de quê?

FL – De (??). Você também não sabe o que é, né?

CF – Eu não! (*ri*)

FL – A posição de (??) é levantar a maca, a cama e botar uns calços na cabeceira pra o sujeito ficar de cabeça...

CF – ...com a cabeça pra baixo...

FL – ...cabeça pra baixo, pra poder oxigenar mais o (?).

CF – E por que é que chama (??)?

FL – (??) é o nome do autor. Ele é que inventou essas coisas.

CF – Ah, depois o senhor me diz como é que escreve...

FL – É (??)...

CF – ...a transcritora (*ri*)... E o posto fazia controle de doenças transmissíveis também, de...?

FL – Fazia, fazia também. Fazia vacinação, fazia também...

CF – Já era então unificado, não tinha o que o senhor tinha falado naquela época, separado: atividade de puericultura, de higiene, tuberculose...? Não.

FL – Não, não, não... Era...

CF – O posto Samuel Libano era integral.

FL – Integral.

CF – Entendi. Aí, dr. Fernando, aí o senhor fez o curso, acabando o curso em 63, aí o que é o senhor foi fazer? O senhor só volta pra escola em 67, não é?

FL – É...

CF – Aí o senhor vai...

FL – ...aí fui trabalhar, naquela época era, o Rio de Janeiro foi dividido em regiões administrativas e o administrador da minha região, dr. Osmar Resende, que ele era da circunscrição fiscal foi, tinha que arranjar um diretor de Divisão de Saúde da região. Então ele foi procurar o Maneco, que era superintendente pra designar um. Aí o Maneco disse: “Não precisa porque já está lá. Está lá o Fernando Leitão que é sanitарista”. E ele então veio falar comigo, contou essa história e eu passei a ser diretor da Divisão de Saúde da região.

CF – Que região? Foi a...

FL – ...12ª Região.

CF – ...12ª Região. Que pegava que área, dr. Fernando?

FL – Pegava o Méier.

CF – Méier.

FL – Méier do lado de cá. Do lado do Jardim do Méier.

CF – Do lado de cá da linha.

FL – Porque o pessoal ficava (*enjoado?*) porque a rua Dias da Cruz por exemplo, não é Méier? Mas a rua Dias da Cruz pertencia à região do Engenho Novo.

CF – Ah, tá.

FL – Hoje não, hoje já mudou.

CF – Mas nessa época...

FL – Naquela época era isso.

CF – Hum, hum. E aí o senhor foi trabalhar no posto que fica vinculado à região, né?

FL – ...no posto... vinculado à região. Que por coincidência ficava na rua 24 de Maio. Do outro lado.

CF – Certo. Entendi. Aí o senhor ficou trabalhando, né, no posto, nessas atividades...

FL – É, foi em 63 que eu fui pra lá, né?

CF – Não, o senhor termina o curso em 63.

FL – 63. Pois é, mas acabando o curso eu fui ser diretor...

CF – O senhor foi pra lá, aí o senhor fica lá.

FL – Fiquei primeiro como diretor de Higiene e depois como diretor do... do... – como é que era? – era... serviço de saúde, tem um nome que eu estou esquecendo agora.

CF – Aí eu estou vendo aqui que o senhor passou, em 66 o senhor integra a comissão de redação da Revista Médica do Estado da Guanabara...

FL – O Estado da Guanabara tinha uma revista médica, então eles queriam alguém de cirurgia, alguém de clínica-médica, queriam alguém de Saúde Pública. E eu fui indicado pra ser, supervisionar a linha dos artigos ligados à Saúde Pública.

CF – E quais eram os temas ligados à Saúde Pública naquela época?

FL – Olha, por exemplo, revisei vários artigos do dr. Hermann Schatzmayr. Trabalhava sobre pólio, não é? Vários artigos, ele vinha aqui buscar ou ele então mandava... E tinha época que nós tínhamos muitos trabalhos pra selecionar.

CF – Quais eram os outros assuntos?

FL – Os outros assuntos eram: fraturas, redução de fratura do malar, por exemplo, ... (*LK fala algo*) aí estava surgindo...

CF – Mas em Saúde Pública, dr. Fernando?

FL – Não. Eu era o representante de Saúde Pública...

CF – Pois é...

FL – Era uma revista médica!

CF – Ham, ham. Pois é, não, eu queria saber quais eram os temas de Saúde Pública já publicados na revista.

LK – Pólio...

FL – Era pólio... pólio, vacinação, esquema de vacinação, o novo... uma mudança das datas, da vacinação de sarampo que era aos seis meses passou pra nove, né, na época... eu fazia parte disso. Quando fundiu o Estado da Guanabara com o Rio de Janeiro, essa revista morreu.

CF – Quem é que lançava essa revista, ela era do governo?

FL – Ela era do próprio governo. Ela não aceitava publicações... não aceitava publicidade.

CF – Ah, tá. Ela (???)

FL – Ela começou a atrasar, ela chegou a sair o número 1 a 4 num ano inteiro, fininha. Depois morreu porque aí o estado achou que era do estado, mudou todo mundo e tampouco fizeram mais nada. Aí foi na época do dr. Sílvio Cruz. Sílvio Cruz, que era do departamento de tuberculose, foi diretor, foi ser secretário de Saúde do... Ernani Braga...

CF – Foi editor da revista também?

FL – Não, foi secretário de saúde.

CF – Ah, tá.

LK – Secretário de Saúde. (??)

FL – E como ele freqüentava muito a (?), ele confidenciou pra gente que aquilo foi uma cruz terrível porque o secretário de Saúde era lidar com compras ou licitações... com roubo. Porque o chefe do setor de compras, mudava secretário e ele não mudava. Então ele que sabia, o secretário tinha vontade de fazer alguma coisa, mas tinha que saber como mexer com o orçamento. E quem entende de orçamento faz segredo, então ele fica permanente.

CF – E aí já tem os contatos, já tem as...

FL – É. Foi... (?), o Eduardo Costa foi secretário de Saúde.

CF – É, foi, já bem mais tarde.

FL – Bem mais tarde.

LK – (82?), né?

CF – É, foi mais pra frente, né? Outra coisa importante ainda nesse ano também, o senhor fez parte de um grupo de trabalho (*falam ao mesmo tempo*) que apresentou um trabalho de uma Unidade Médico-sanitário Padrão...

FL – Ah, de uma Unidade Médico-sanitária Padrão. Essa unidade existe, fica hoje na rua Mário Cavalcanti, era Unidade do (IAPC?), era tuberculose...

CF – O que é que ela tinha de diferente em relação às outras?

FL – Ela tinha auditório, tinha sala de projeção, tinha garagem...

CF – Ela foi reformulada no aspecto arquitetônico.

FL – Arquitetônico. (CF fala algo) O chefe da equipe era um arquiteto. (Sotter?). Só me lembro do sobrenome dele: Sotter.

CF – Mas as atividades dessa unidade, eram as mesmas que as outras faziam.

FL – As mesmas das outras.

CF – Foi reformulada a estrutura, né?

FL – A estrutura.

CF – Ah, tá, entendi. E aí o senhor chega aqui de novo, não é?

FL – (??) de tuberculose (????).

CF – Era responsável pela...

FL – Não...

CF – Ah, a unidade!

FL – ...o dr. (*Maranhão?*) era especialista em tuberculose.

CF – Ah, a unidade levou o nome dele.

FL – O nome dele.

CF – Sei. ... Ela está aonde?

FL – (??)

CF – Não, está tentando lembrar. (*LK fica falando algo*) (*falam ao mesmo tempo*)

FL – Se vocês quiseram interromper, eu interrompo.

CF – A gente está fechando a história desse período, né? Olha só, a gente chegou em 67, aí o senhor vem de novo pra escola fazer o curso de planejamento em Saúde.

FL – Planejamento...em Saúde.

CF – Registrado aqui na ENSP, né?

FL – É.

CF – Aí a gente já está aqui no prédio.

FL – Aqui no prédio... porque eu já estava aqui, né?

CF – Pois é, como é que foi essa sua vinda pra cá? (??)

FL – Foi a vinda que eu vim com a combinação do Maneco Ferreira com o Raimundo de Brito e com o dr. Blois.

CF – Pois é, mas o senhor falou isso, a gente não estava gravando. Vamos gravar...

FL – Ah! Então vi o Maneco Ferreira falando com o Blois, me chamou pra cá. O secretário de Saúde na época era o dr. Hildebrando Monteiro Marinho, aquele hematologista, né? Ele até me chamou: “(?)!” (*ri*) Porque estava saindo de lá, eu trabalhava com o (*Capistrano?*) Capistrano do Amaral, ... (*interrupção da fita*)

Fita 2 – Lado A

FL - ... (?), falta o sobrenome agora.

CF – Mas já lembrou o nome, (?) (*rindo*).

FL – Pois é.

CF – Daqui a pouco o sobrenome vem. Isso que eu falei para o senhor, quando o senhor menos esperar...

FL – É, não, isso acontece muito comigo.

CF - ... vai... a cabeça fica...

FL – Mas você sabe...

CF – Mas com todo mundo é assim! (*rindo*)

FL - ... (??) de eu levantar e escrever no papel.

LK – Para não esquecer.

FL – Para não esquecer de novo. Tenho... eu tenho um monte de papéritos assim com coisa que eu cismo que tenho que saber o nome, tenho que saber...

CF – E fica até... até lembrar, né?

FL – Fica até, até...

CF – Vamos... vamos só terminar, dr. Fernando...

FL – (*Eutide?*) Machado.

CF – Eutide Machado.

LK – Pronto! (*risos*)

FL - Eutide Machado. Eu pensei que ele era um guardador de carneiro (*risos*) porque ele era despojado, sujo, avental sujo. Vivia lá com carneiro, tirando sangue do carneiro.

CF – Aí o senhor achou que era... (*rindo*)

FL – (*Mas?*) eu pensei. Quando eu vi o Pernetta, a primeira vez, eu pensei que ele era o jardineiro da Santa Casa, o dr. César Pernetta. Você conheceu?

CF – Não, o César (*falam ao mesmo tempo*).

FL – Pois é, era um (?) careca, a careca branca de tanto usar chapéu, né? O Pernetta é importante em Pediatria, né, (*o livro do?*) Pernetta, o soro de Pernetta...

CF – É uma referência (*falam ao mesmo tempo*) ...

FL – César Penetta.

CF – Já ouvi falar (*muito?*).

FL – Então, eu fui assistir uma aula na Santa Casa e ele entrou pelo lado do jardim. Disse: “(?) acho que é o jardineiro. O que é que ele está fazendo aqui?”

CF – (*rindo*) Era o professor, né?

FL – Era o professor. Todo mundo... todo mundo levantou, (??) é importante, né?

CF – Que coisa, né?

FL – É.

CF – Dr. Fernando, vamos fechar, que a gente estava falando na outra fita, quando terminou a fita, estava falando da... do acordo que o Maneco Ferreira conversou com...

FL - ... com... com Raimundo de Brito...

CF - ... com Raimundo de Brito...

FL - ... com dr. Blois...

CF - ... com dr. Blois, para a vinda do senhor para...

FL - ... para cá.

CF - ... a Escola, né?

FL – E eu vim para cá para ser diretor da Unidade Urbana Silval... Germano Sinval Faria, que estava... estava erigida fisicamente, mas não... não estava funcionando. Nesse ínterim... nesse ínterim o dr. Hugo Tomassini foi ser diretor do Departamento de Epidemiologia, no lugar do Nelson Morais.

CF – Aí, já estava aqui, né, porque aí o prédio da Escola já tinha sido inaugurado...

FL – Já estava aqui, (*falam ao mesmo tempo*) ...

CF - ... (*falam ao mesmo tempo*), né?

FL - ... foi em 66, que eu já estava aqui, aí eu fui ser administrador das áreas de treinamento.

CF – Na realidade, o senhor foi, então, o primeiro diretor da Unidade, porque ela não existia ainda, ela (*falam ao mesmo tempo*) ...?

FL – É, eu fui o 1º diretor. Depois é que veio a Suzuki... não, a Tisuko, né?

CF – Tisuko, é, a Tisuko.

FL – Eu sempre troco o sobrenome dela.

LK – Tisuko.

FL – É. Ainda é a Tisuko?

LK – Não, não.

CF – Não, (*falam ao mesmo tempo*) aposentou.

FL – Ela é Tisuko o quê, hein?

LK – Tisuko...

FL – Não é Yamasaki não, né?

LK – Não, não, (*essa?*) ...

FL – Tisuko Yamasaki já é de cinema.

CF – É, eu não lembro (*falam ao mesmo tempo*) ...

FL – É Tisuko...

LK – (*falam ao mesmo tempo*) lembrar o nome dela todo.

FL – Pois é.

CF – Aí, como é que foi o seu trabalho aqui, essa vinda para cá...?

FL – Aí eu fiquei nas áreas de treinamento, mas, daí, era burocrático, que aí eu ficava fazendo as... a licitação de compras de material para... para a unidade, principalmente para a Samuel Libânio, né, e para cá também, para estocar alguma coisa, como móveis...

CF – As atividades da... Aí a... aí a unidade começou a funcionar aqui, a Germano Sinval Faria?

FL – É, Germano Sinval Faria.

CF – Começou a funcionar?

FL – Começou a funcionar.

CF – As atividades que eram feitas aqui eram semelhantes às de lá, às do posto Samuel Libânio?

FL – É, é, eram, eram... Só tinha uma coisa aqui que era diferente: tinha um atendimento aos alcoólatras.

LK – Aqui continua até hoje.

FL – Hein? Tem, né? Atendimento aos alcoólatras. E tinha um laboratório muito melhor equipado, que podia fazer exames... que o de lá era simplérrimo, né? O daqui não, o daqui tinha... podia-se fazer exames (*direitinho*)...

CF – E com quem o senhor trabalhava aqui, na unidade, naquela época? O senhor lembra das pessoas com quem o senhor...?

FL – Lembro do Terra, do “Terrinha”, que a gente chamava de “Terrinha” ...

LK – Eu não conheci não.

FL – ... Sílvio Simões...

CF – Sílvio Simões era o quê, era médico?

FL – É, o Sílvio Simões depois foi ser diretor lá da... da Samuel Libânio. Tinha um outro cabeçudo...

CF – Médicos?

FL – Médicos.

CF – E enfermeiras?

FL – (?) enfermeira...

CF – E os profissionais eram esses? Eram: médico, enfermeira...?

FL - ... visitadora sanitária, né? Aqui não tinha inspetor de Saneamento, lá no Méier tinha, que, aliás, ninguém por aí sabia o que fazer com o inspetor de Saneamento.

CF – Por quê?

FL – Porque não é... não é, não é da regra daqui, da Guanabara, ter um inspetor de Saneamento que vá visitar... (?), estabelecimentos de... que servem comida para ver se está tudo direito. Uma vez eu fui atrás de um deles, que eu queria saber o que eles faziam, porque eu achava que aquilo ali... Eles... eles... eles deveriam pertencer à Delegacia de Fiscalização porque eles iam ver – eu fui atrás deles – eles iam ver se tinha azulejo de um metro e meio, porque o código que eles seguiam era um código assinado pelo dr. Arthur Bernardes, ainda como ministro da Justiça!

LK – Eu acho que é o que eles seguem até hoje.

FL – (O 16.300?) (risos).

LK – Acho que eles seguem até hoje.

FL – É, esse é o 16.300, que é feito pelo Arthur Bernardes, que a Saúde estava (ligada?) ao Ministério da Justiça!

CF – Nossa mãe!

FL – É.

CF – Muito antigo, né?

FL – Muito antigo. Mas eu fui atrás de um deles, e o dono (?) me levou para ver o banheiro para me mostrar que tinha tampa e sobre-tampa na privada. Eu falei com (?) (Maneco?): “Eu não fiz esse curso todo para ver se tem tampa e sobre-tampa em privada, né? Isso não está certo.” Nesse ínterim, em 1966, eu mudei de casa, saí da Rua Coração de Maria, onde eu morava, e fui morar na (?), onde eu estou agora. Então, eu, claro, eu fui conhecer a padaria para comprar pão. Quando eu fui ver, o dono da padaria era um ex-vizinho lá da Coração de Maria, e estava reclamando do fiscal, que disse que tinha aumentado a taxa porque tinha um novo diretor, e que tinha que dar a parte do diretor. (risos) (??): “Me descreve como é que é esse fiscal”, né? Quer dizer, aí me descreveu, eu identifiquei logo quem era. Aí levei esse caso para o Maneco, né?

CF – E aí?

FL – O Maneco conseguiu tirar os fiscais de lá, da Saúde, e foi para a Delegacia Fiscal. Era... era um... era uma coisa terrível porque (se eles?) fossem numa padaria qualquer, o dono da padaria, sabendo que eu era da... da (??)... o dono da padaria, sabendo que eu era diretor, queria me dar pão de graça, doce de graça. (??) (absolutamente?)! Disse: “Não, isso é corrupção”, não é? É um horror, é uma banda podre! Você sabe que quando eu fiz concurso para sanitarista A, (?) Brasília...

CF – Quando foi isso?

FL – Foi em setenta... Deve estar aí. Acho que foi 78, se não me engano. Eu tirei um 4º lugar no Brasil, e 1º aqui, no Rio de Janeiro. Então, a publicação, quando veio, já trouxe... já trouxe

a nomeação, mas aí, para onde que era a vaga? Era para a Fiscalização Sanitária. Disse: “Bom, não vou.” E deixei o (*concurso?*) (*correr?*) (*para?*) o (*lado?*). “Para a Fiscalização Sanitária eu não vou nem de longe, (???) fiscal (?)”.

CF – O senhor quer um cafezinho?

FL – Quero, vou tomar um pouquinho.

CF – Quer com açúcar?

FL – Não. Adoçante não tem não? Fiscalização Sanitária é podridão. Eles vendem facilidade para... eles... provocam... produzem as dificuldades e vendem facilidades, sabe?

CF – É um vício, né?

FL – É.

CF - Para mudar isso!

FL – A gente recebia (*ruído*) na porta... Às vezes, um sujeito trazia uma caixa assim de... de queijadinhas. “Mas, (?), de onde vem isso?” “Ah, foi o sr. Edgar que mandou.” Quer dizer, ele tinha achacado alguém, a minha mulher não estava sabendo... “Em outra vez não recebe isso não, de jeito nenhum!”

CF – Dr. Fernando, e aí... o senhor... o senhor lembra de alguma coisa, assim, específica com relação a esse período que o senhor esteve na unidade, quer dizer, de... de mudanças no trabalho? Porque, na realidade, o serviço estava começando, né?

FL – É, começando.

CF – Quer dizer, não havia ainda um...

FL – Mas eu pouco trabalhei aqui, sabe, muito pouco, muito pouco, fiquei mais na... (*ruído*) na área de treinamento, e foi durante a...

CF – O senhor ficou mais na área de treinamento?

FL – Na área de treinamento. Durante essa... esse período o diretor presidente, aí, é dr. Rizzi. E ele chegou para mim e perguntou se eu queria fazer o curso de John Hopkins. Eu disse: “Quero.” Aí me matriculei no BRASAS para estudar Inglês, né, e, então, eles me liberavam para a (*aula?*). Eu saía mais cedo para poder ir lá no BRASAS estudar Inglês. Estudei Inglês feito um maluco, decorava aqueles diálogos todos. Eu tinha um “fusquinha”, eu botava o diálogo escrito num papel. (?), na frente tinha um imã, e a cada parada de sinal eu...

CF - ... ia lendo?

FL - ... ia decorando. (*risos*) Quando chegava lá, estava afiado (*rindo*).

CF – Agora, só para... para a gente... antes de a gente chegar na John Hopkins, que atividades de treinamento eram essas que o senhor fazia antes de...?

FL – Eram burocráticas só.

CF – Só burocráticas?

FL – Só. Vinham as firmas, apresentavam, por exemplo, medicamentos, e eu tinha que cotejar preço para comprar o mais barato. Sabe como é que é?

CF – Ah, tá, uma... era uma... era uma atividade puramente administrativa?

FL – Puramente burocrática, administrativa.

CF – E a Escola? Como é que era a Escola nessa época, o senhor lembra? Porque também a Escola estava começando, era o primeiro ano dela nesse prédio novo.

FL – É. A Escola, uma coisa que eu acho que foi injusta é que um dos primeiros cursos aí foi de mestrado, não é, mestrado, turma de 67 e 68, e era um curso que não durava um ano. E eu achava que o meu, que durou um ano, por que o meu é básico e não foi mestrado?

CF – Mas não tinha curso básico também em 66?

FL – Não, não teve. Depois teve curso de Adequação em Saúde Pública, que aí é um curso de *status* menor. Por exemplo, o Eduardo é... é mestre, mas é mestre na turma de 68.

CF – É.

FL – Não é?

CF – É, eu (*lembro?*) (?) (*foi?*) ...

FL – E a gente reivindicou: “Nós vamos...” Alguns, que fizemos o curso básico, reivindicamos pelo título de mestre. Por que não?

CF – Porque o senhor fala que o formato do curso de mestrado era... era até... a carga horária era até menor do que a que o senhor tinha feito?

FL – Menor da que a do curso de Saúde Pública, que leva um ano, um ano...

CF – O mestrado (*falam ao mesmo tempo*)...

FL - ... um ano e pipocando por aí, pelo Rio de Janeiro, indo lá para o São Sebastião, para o Instituto de Psiquiatria...

CF – Cada aula num lugar, é porque cada aula era num lugar, é.

FL – Cada aula num lugar diferente, é.

CF – A dona Elza descreveu isso, falou.

FL – É, tinha aula (?), em vários lugares.

CF – E tinha muito aluno nessa época, a Escola, em 66, 67...?

FL – Tinha, tinha, aí tinha bastante, tinha... tanto é que sobrou para fazer a 2ª turma depois, né, no outro ano. Eu fazia parte desse grupo de seleção.

CF – De seleção dos alunos?

FL – É, é, está aí, está no currículo.

CF – Ah, tá!

FL – De seleção dos alunos...

LK – É, porque eu acho que a Elza fez em 68 e Eduardo faz em 70. Eu acho que a turma do Eduardo é de 70.

FL – Sessenta...

CF – Não, Eduardo é 68.

FL – 68.

LK – 68?

CF – 68, 68.

FL – 68. Ele foi com a gente em Pirapora.

CF – Ele... ele falou.

FL – Ele foi em Pirapora com a gente.

LK – Ah, é, em Pirapora, é.

FL – Teve um aluno que não foi, foi o (*Harley?*), Harley Pinheiro Padilha.

LK – Ah, que foi... foi lá da unidade. Ele (*falam ao mesmo tempo*) (*médico?*).

FL – Foi. Ele não foi a Pirapora.

CF – Por quê?

FL – Não sei. Ele foi obrigado a ir a todos os lugares que nós fomos, trazer um atestado de que esteve lá.

CF – Ah, ele foi, depois, sozinho?

FL – Sozinho, porque aí o Sávio foi duro com ele, né? E o Sávio também vibrou quando ele também fez o concurso de Saúde Pública. O Sávio vibrou porque eu passei na frente dele (*risos*). Ele também passou, mas eu tinha passado na frente. Engraçado, (?) o Tomasini era o... era o secretário de Saúde de Niterói, o governador era o... o Moreira, e eu ia lá conversar com o Sávio.

CF – Como é que era o dr. Sávio Antunes? Fale um pouquinho (*do Sávio?*) aqui na Escola.

FL – O Sávio... o Sávio era um homem extraordinário, (?) sabedoria... Ele era professor de Física, né? Ele tinha um conhecimento vastíssimo de tudo, então, nós nos afinamos muito porque eu também era assim. Aprendi muito com ele as coisas da vida, né, e a maneira de ver as coisas.

CF – Agora, pelo que o senhor está falando, ele era uma pessoa rígida, né?

FL – Ele era uma pessoa...

CF – Esse exemplo, aí, do aluno, né?

FL – Isso (*falam ao mesmo tempo*) (?), sabe? (*rindo*) Ele tinha na mesa dele uma medalha, um medalhão, aí um servente resolveu brunir aquilo, né? Quer dizer, o... então, bruniu o negócio que (?) pátina, né? Não tinha que brunir nada, né? (*rindo*) Ele ficou zangado com o sujeito (*rindo*).

CF – Mas (...)?

LK – (...) a Escola...

FL – Hein?

LK – A Escola tinha gráfica (*ruído*), né?

FL – A Escola (*o quê?*)?

LK – A Escola tinha um serviço gráfico.

FL – Tinha, tinha serviços gráficos, tinha.

LK – Tinha...

FL – Tinha serviços gráficos e editaram uma... um livro, uma revista... revista de Saúde Pública, né? Depois confundiu-se muito com a ABRASCO, a (ABEN?)...

LK – Mas foi depois?

FL – Foi depois, né, *(falam ao mesmo tempo)*...

CF – É mais tarde, mais tarde...

FL – É.

LK – Na época, no início ela tinha porque ela fazia as provas, né, a gráfica fazia as provas...

FL – É, é, isso, é.

LK - ... (??)...

FL – Era isso mesmo.

LK - ... e a dona...

FL – É, a gráfica era ali pertinho do corredor que ia...

LK - ... *(falam ao mesmo tempo)* *(lá em baixo?)*.

FL - ... lá para... para a unidade.

LK – É, depois, *(em?)* cima tinha a... o bandeirão que o Luís Fernando sempre fala, que era da Escola.

FL – O bandeirão?

LK – É, que *(falam ao mesmo tempo)*.

FL – É. Ah, teve... teve sim um bandeirão lá na Escola, onde era a... onde tinha a biblioteca. Depois mudou para onde era a lavanderia, porque aqui era um hotel. Ficava um leão de chácara entre o 7º e o 8º porque eram só para os rapazes e para as moças.

CF – É, porque tinha os dormitórios (?) os últimos andares, né, eram os dormitórios, é.

FL – Isso, é, feminino e masculino, e ficava um sujeito na escada para evitar os encontros, *(mas?)*...

CF – Ah, é? *(rindo)*

FL – É, mas, apesar disso, saíram 3 casamentos.

CF – Ah, saíram 3 casamentos? (*rindo*) Quem foi? Quais os casamentos, o senhor lembra?

FL – Ah, não lembro o nome deles mais não. (*risos*)

LK – Quem era o leão de chácara?

FL – Era um (*crioulão?*).

LK – Ah, é? (*risos*)

FL – Na época do racionamento de energia o (*Blois?*) chegava exatamente na hora do “apagão”. Então, ficavam dois (?) lá embaixo, faziam uma cadeirinha, botavam ele no colo, e eles subiam com ele, solenemente, até o gabinete. (*risos*)

LK – Ah, levavam o Blois no colo?

FL – O Blois, ele era muito (??). (*risos*)

LK – Certo. Ele era levado no colo, é?

FL – Hein?

LK – Ele era levado no colo?

FL – (*Era levado no colo?*).

CF – É, mas (*fazia?*) no braço, cadeira. Dona Elza conta a mesma história.

FL – Levado no colo.

LK – (*Luís Fernando também?*) (?), eu sempre achei que era exagero (*risos*).

FL – Ele... ele se engraçava com as meninas, sabe?

LK – (??), né?

FL – É, se engraçava com as meninas. O irmão de uma delas lhe deu um sopapo! Ele ficou...

CF – É mesmo?

FL - ... (*orgulhoso?*) do olho roxo! (*risos*)

LK – E o Sávio fica até quando?

FL – Hein?

LK – O Sávio fica de sessenta...

FL – O Sávio ficou aí... (???) Ele, quando o Tomassini foi para Niterói ele foi para lá.

CF – Ah, ele foi junto?

FL – É, mas depois que o... O Tomassini voltou. Foi o Tomassini que me nomeou diretor lá, de novo, lá da... da unidade lá, no Engenho da Rainha, que tinha um impedimento (*porque?*) o antigo diretor tinha tratado da mãe do Agnaldo Timóteo, o cantor, e o Agnaldo Timóteo estava impedindo a minha ida para lá. Então, me disseram isso com todas as letras: “O que está te impedindo de você ir para lá é o Agnaldo Timóteo.”

CF – Porque está protegendo o outro (*médico?*)?

FL – É, porque eu fui... fui demitido estando em férias. Foi o Lauro Aires que me telefonou: “Ô Fernando, ô Leitão, se você quiser vir trabalhar comigo, estou de portas abertas.” “Ah, por quê?” “Ah, você não leu o diário? Você foi demitido.”

CF – O senhor não sabia de nada?

FL – Eu não sabia. Aí fui trabalhar com o Lauro lá no (?), né? Fiquei lá uns 3 anos.

LK – (*ruído forte*) (?) (*aí?*). E depois do Blois teve um Sebastião.

FL – Teve um Sebastião de Barros Filho.

LK – Sebastião de Barros Filho.

FL – Esse...

LK – Esse (*eu não tenho foto?*) (*falam ao mesmo tempo*)...

FL - ... eu lembro dele, mas eu não tenho nenhuma fotografia dele não.

CF – Ele fica pouco tempo, né?

FL – Pouquíssimo.

CF – E como é que ele vem para cá? Quem... quem...

FL – Não sei.

CF - ... nomeou ele?

FL – Não sei não, acho que dr. Rui Vieira, não sei. Não sei quem foi não. Depois veio o Rizzi, e que trouxe uma secretária, (?) parecia um monastério. Ela era uma... ela... era terrível ela também, né? Ele... ele fala devagar...

LK – É, ele é lento, ele era (?)...

FL – Parece que é evangélico, não sei o que é que ele é. E a secretária dele era outra assim, sabe? Uma vez eu quis falar com ela... com ele, ela me deu um livro: “Fernão Capelo Gaivota” (*risos*). Eu li o livro todinho enquanto esperava a audiência. (*risos*) Que, aliás, é um livro bonito, né?

CF – É, eu li quando era jovem.

FL – (*E havia?*) até o filme, né?

CF – É (*rindo*).

FL – São coisas assim soltas, né, que a gente vai lembrando.

CF – Não, mas é interessante para a gente conseguir (?) porque a Escola, nesse período, ela está começando a se estruturar, né?

FL – Pois é.

CF – Uma coisa é a Escola quando ela está funcionando em prédio separado, (*a coisa?*) de vir para cá...

FL – Ah, sim.

CF - ... de ter um prédio dessa estatura, né, de...

FL – Olha, na estruturação, quer dizer, nas... escrito o regimento, trabalhou muito o dr. Ulysses de Azevedo, que eu não sei se é vivo.

LK – (*Coutinho, Coutinho?*).

FL – (*Coutinho?*).

LK – A última informação (*falam ao mesmo tempo*)...

FL – Ele era médico e advogado.

LK – A última informação do Ulysses é que ele estava vivo, mas estava muito mal, estava desmemoriado...

FL – Pois é. Ele estava... ele morava lá em (*Papucaia?*).

LK – É.

FL – Isso. (*Quer dizer?*), eu me dava muito com ele, sabe, porque... Ele me ajudou muito a conseguir títulos, que eu queria passar de professor assistente para professor adjunto lá na Gama Filho, e eu não conseguia os papéis, então, fui tirar...

CF – Da época que o senhor trabalhava aqui, né?

FL – É.

LK – É, porque era a documentação (*falam ao mesmo tempo*)...

FL – Que eu trabalhava aqui e lá, né?

LK – (*falam ao mesmo tempo*), é.

FL – Então, eu fui conseguir (?) a cópia das atas dos conselhos. Tinha um conselho diretor e o conselho departamental... Tinha a dona Elza, a gente chamava de “dona Elza dos conselhos”, não é? (?) o conselho departamental (?) administradora (?) (*treinamento?*) fazia parte.

LK – Era... era a Elza Castor, né?

FL – Hein?

LK – Era a Elza Castor?

FL – É, eu acho que sim, chamava “Elza dos conselhos”, então, conseguir as datas dos livros, sabe, para levar lá para a (*Gama?*).

CF – Aí o senhor conseguiu (*isso?*)?

FL – Não consegui não. Aí, o (*Adalton?*) me deu esse título de professor *honoris causa*, para ver se com isso eu conseguia levantar, né, aí foi... aí foi negado. Aí eu fiquei muito aborrecido com a Gama, aí me deu um (“*ziquetrique?*”), sabe? Eu fiquei uns 10 anos fora do ar. Passei a ter depressão, fiquei com 50 quilos, não saía de casa, não saía da cama...

CF – Que coisa, dr. Fernando!

FL – É, passei mal mesmo, né, até que consegui um... fui a um psiquiatra indicado pela Débora Duarte, eu não sei se ela ainda existe aí...

LK – Sim, (*a Débora não está mais aí?*).

FL – Eu perguntei (*ao Antônio?*), ela me indicou um psiquiatra e...

CF – (*?*)?

FL – O 1º psiquiatra me tratou com... com Aurorix, que é inibidor (?), né, aí dá uma dor-de-cabeça louca, sabe?

CF – Ruim, né?

FL – Ruim. Aí, saí dele, fui num outro. Acabei sendo atendido pelo diretor de Saúde Mental do Município, uma colega foi lá. Então, ele me indicou para ir conversar com a psiquiatra do... do (INAD?), INAD não, do (INAAD?), dra. Teresa Newman. Ela me botou... me deu jeito...

CF – Ah, que bom.

FL - ... me botou em pé, sabe? Hoje... hoje nós somos amíssimos, né?

CF – Que bom!

FL – Eu dou livro para ela, dei... dou CD, porque ela me tirou da fossa, sabe?

CF – E o senhor não resolveu a sua situação na Gama Filho?

FL – Não, a Gama Filho eu... larguei, fui... fui exonerado, né? (??) o professor Lúcio, que era o diretor do Departamento de...

CF – Dr. Lúcio Costa?

FL – Lúcio Costa, Lúcio Vasconcelos Costa. Ele... (??) na minha cabeça, (*entende?*), não deixava o (?), é como se eu estivesse em exercício. Até que uma vez eu resolvi ir lá com a (*Célia?*), e disse que eu estava precisando de um psiquiatra. Aí, o reitor disse: “Ah, tem o psiquiatra daqui. O senhor fecha a porta, você entra com ele e (?)” “(?) consulta de psiquiatra não é assim não. Consulta de psiquiatra é (?), é uma (*conversa?*) longa...”. Então, aí, resolvemos sair, resolvi sair. Aí vi o (?) que eu tinha de direito de fundo de garantia, essas coisas todas, e rescindiu. E o Lúcio morreu também pouco tempo depois... Nessa altura tinha morrido o Samuel Penha Vale, que também fez curso aqui. O 2º curso de Planejamento foi ele que fez aqui. Na verdade, o Samuel era meu colega desde 11 anos de idade, lá no Metropolitano.

CF – Samuel...?

FL – Samuel Penha Vale, Penha Vale. Uma vez eu saí do cinema, no Imperator, e na saída encontrei com o Samuel, eu com a (*Célia?*) e ele com a mulher dele, a... a ex dele, porque depois ele casou com outra. Aí ele falou que estava trabalhando em Santa Cruz, no (*distrito?*) escolar, e que tinha vontade de fazer o curso de Saúde Pública. Nessa altura eu era diretor de divisão de Saúde, tinha poder, então: “Me dá... me dá a tua matrícula, a (?) onde você está...” Aí falei com um administrador regional. Ele tinha poderes para isso, ele removeu o Samuel na maior... Assim, *tá*, o Samuel apareceu, chegou lá no posto, aí (???) fazer o curso, o curso de Saúde Pública e o curso de Planejamento.

LK – Que era já o 2º, né?

FL – É.

LK – Que era na... era na Escola...

FL – Camaradagem (*muita?*) que eu fiz com ele, sabe?

LK – Quem eram os professores do curso?

FL – Aqui?

LK – É.

FL – Aqui era o Tomassini, era um que era... um de Estatística, que era o Gama, o sobrenome dele era Gama.

LK – Ah, Marcelo Gama.

FL – Hein?

LK – Marcelo Gama.

FL – Marcelo Gama, né? É, o Luís Fernando...

LK – (*Eles me disseram que ele está?*) vivo.

FL – Está vivo?

LK – (*Me disseram que?*) Marcelo Gama ainda (*era?*) vivo.

FL – Ele era filho do (*Hival?*) Gama. O Hival Gama era obstetra do Hospital Jesus... do Hospital Getúlio Vargas. Tinha uma “ciumada” da Maternidade!

CF – Ah, é?

FL – É. Lembro bem.

CF – Ele era (*falam ao mesmo tempo*) ...

FL – E eu que falei para ele...

CF - O Joir já estava aí?

FL – Quem?

CF – O Joir.

FL – O Joir estava. O Joir teve um enfarto, eu fui até visitá-lo. Ele está aí numa fotografia do Joir, na 4ª Conferência.

CF – É, (na 4ª Conferência?).

LK – Ah, era ali! Eu sabia que (*falam ao mesmo tempo*)...

FL – Joir Fontes, né?

LK – Joir (?) Fontes, que era o da divisão (*falam ao mesmo tempo*)...

FL – Eu acho que está muito misturada essa conversa nossa, não está?

CF – Não, está (?). É assim mesmo, a cabeça da gente é assim, (*vai lembrando?*). (*rindo*).

FL – É, pois é, vai e volta, né? Mas esse colega foi muito... foi muito... muito bom, pena que ele era hipertenso, filho de uma família de hipertensos, né?

LK – (?) história.

FL – Quer dizer, quando eu fui na Gama, uma vez, ele... ele teve um... esse pequeno acidente cerebral, caiu, ficou ruim do olho... Depois eu soube que ele tinha morrido, por terceiros, né? Quando eu telefonei para a casa dele, aí a mulher dele disse: “É, ele faleceu. E, interessante, você e o (*Verter?*) (*Garfield?*) de Almeida” - que é neto do professor Garfield de Almeida, conhecido, né, professor de Doenças Infecciosas – “também não souberam.” Quer dizer, eu não soube. Fiquei muito magoado, meu colega... colega desde 11 anos!

CF – Muito tempo, né?

FL – É. Tem a formatura nossa em 41!

CF – Nossa mãe! Muito tempo, né?

FL – É, 11 anos de idade. Ele não esquece, né, nunca esqueceu isso, né?

LK – O Gentili foi professor também?

FL – Foi professor, mas o Gentili foi aluno do curso de Planejamento, aluno do curso de Planejamento.

LK – Ah, ele era aluno, ele foi aluno, nessa foto ele é aluno?

FL – Está aí, né?

CF – Ah, é?

FL – É. Gentili...

CF - Ele foi aluno?

FL – Do curso de Planejamento.

CF – Ah, não sabia disso não!

LK – Nessa (*foto?*)... eu pensei que ele era professor (*falam ao mesmo tempo*)...

FL – Não, ele era aluno do curso de Planejamento, Carlos Gentili de Melo.

CF – Como ele era? Como é que ele era em sala, era uma...?

FL – Era um sujeito muito verboso, né, conhecia muito bem a Previdência Social, também malhava muito a Previdência Social. Nós (*o?*) chamávamos para os cursos de Medicina do Trabalho, mas ele dava uma aula só porque se ele desse outra aula seria exatamente igual, ele falava a mesma coisa. Os livros dele sempre falavam as mesmas coisas...

LK – Tinha um outro...

FL – Hein?

LK – Tinha um outro que depois vinha, também, que falava de... Previdência Social.

FL – É o dr. Hugo... Era um cara alto...

LK – É, magro.

CF – Era professor da Escola?

FL – Era.

LK – Ele vinha para dar aula, (*falam ao mesmo tempo*)...

FL – É, ele... ele também fez o curso aí de Assistência Médica...

LK – Não sei se era (*Vilar?*), (*falam ao mesmo tempo*)...

FL – Hugo... (*??*). Ele fez... Houve um curso aí de... para diretores de unidades hospitalares e que esse Hugo era aluno.

CF – Ah, tá.

LK – Eu conheci ele já dando aula.

FL – Pois é, Hugo... Vitorino Alqueres.

LK – Alqueres.

CF – Ah, eu já ouvi... já ouvi falar dele.

FL – Hugo Vitorino Alqueres.

LK – Ele ainda (?)...

FL – Alqueres ou Alquéres, eu não me lembro bem.

CF – Dr. Fernando, vamos, só para a gente fechar essa (*coisa?*), para amarrar o que a gente tinha começado... O senhor falou... o senhor falou, mencionou rapidamente, foi quando a gente teve que parar, a sua ida para a Johns Hopkins, para o curso, em 70, né?

FL – Ah, Johns Hopkins, com o dr. Rizzi, que ofereceu...

CF – Isso.

FL – Ah, bom.

CF – Como é que foi essa... esse curso na Johns Hopkins?

FL – O curso...

CF - Qual o impacto que isso teve para o senhor na sua formação...?

FL – Olha, o primeiro impacto foi o Inglês (*risos*), que... Primeiro, eu cheguei lá... O 1º avião que devia sair às 23 horas, era o vôo 455, só saiu às 3 horas da manhã, e pousou em Trinidad Tobago por motivos que eu não sei.

CF – Não foi direto (*falam ao mesmo tempo*)?

FL – Acho que o avião estava muito vazio, eu acho que eles foram botar carga, não sei o que é, pousou em Trinidad Tobago, no aeroporto de (*Biarco?*), eu me lembro bem disso, é (*Port of Spain?*), né? E, então, quando nós chegamos em Nova York, em vez de chegarmos às 8, chegamos às 10 e tanto. E os operadores de controle aéreo estavam de greve, então, nós chegamos lá, não tinha ninguém esperando a gente. Eu estava com um colega, não tinha ninguém esperando a gente.

CF – Tinha... O senhor foi junto com mais uma pessoa daqui?

FL – Fui com um colega.

CF – Quem?

FL – Não, um que eu conheci no aeroporto.

CF – Mas também médico, também indo para a John Hopkins?

FL – Não, não, não, era um administrativo.

CF – Ah, tá.

FL – Ele ia não sei para onde. Ele... ele era até aparentado com gente da Varig. Então, nós chegamos em... Nós tínhamos que ir para Washington, aí... “Como é que a gente vai para Washington?” Então, começamos a perguntar, eles disseram para a gente pegar uma *limousine* e ir para La Guardia. “Ah, mas só pegar uma *limousine* e ir para o aeroporto de La Guardia...” O (?) acabou resolvendo, indo para (*ali?*). A gente pegou um Eletra da American Airlines e fomos para Washington. Chegamos lá o motorista... pedimos ao motorista, e eu falei para ele: “*I want to go to Brighton Hotel.*” “*What?*” “*Brighton Hotel.*” “*Give me your cards.*” (*risos*) (*Ele olhou assim?*): “*Oh, Brighton Hotel, Brighton Hotel.*” Eu falei o quê? (*rindo*). Aí foi (*chato?*). Aí fomos lá para...

CF – Aí o senhor começou a ver que ia ter o problema de comunicação...

FL – Eu vi que (*ia ter um problema?*) complicado, sabe?

CF – Seu... seu curso do BRASAS... (*rindo*)

FL – Pois é, é diferente, o Inglês inglês é diferente. Aí fomos para lá, deixamos as malas: “Agora vamos comer qualquer coisa.” Fomos comer numa confeitaria... numa cafeteria, né? Aí, entro numa fila, eles dão um... uma bandeja e: “*The next, the next, the next...*” E eu não sabia o que é que eu estava comendo, não sei o que é que eu ia pedir! (*risos*) Pedi um leite, aí, depois que eu vi que era *sour* leite, *sour milk*, leite azedo (*risos*). Foi uma parada aquelas primeiras vezes, não é? (*rindo*)

CF – Aí, depois, o senhor foi para a John Hopkins, aí (*falam ao mesmo tempo*)...

FL – Aí, depois, fui para Washington, aí tive que fazer todos os contatos em Washington, né? E vimos o *cherry blossom*, né, o desabrochar das cerejeiras, que é um espetáculo aquilo. Vem todo mundo de todo lugar para ver aquilo, né? Aí fui para a John Hopkins. Eu fui para o alojamento que tinha que ficar, e era num quarto sozinho... Fazia um... Caía... No dia em que eu cheguei estava fazendo um frio, caindo neve, chuva, e eu de terno tropical.

CF – Nossa! (*rindo*)

FL – Então, arrumamos as malas e fomos numa... *La Mamma*, uma pizzeria, *La Mamma*. Comemos lá uma pizza e voltamos. Naquela noite eu dormi enrolado... (*interrupção na fita*)

Fita 2 - Lado B

FL – As moças lá deram um... um cobertor para a gente. Eu também mudei de alojamento, fui para um alojamento melhor. Era um pouquinho mais caro, mas muito melhor.

CF – O senhor tinha ajuda financeira daqui para o curso?

FL – Sim, eles davam... eles davam um (*per diem?*) bom, sabe? Eu cheguei a trazer dinheiro de volta!

CF – Ah, que bom.

FL – Eu não... eu não gastava muito, também não gastava muito, não tinha no que gastar porque nos fins-de-semana eu ia para os parentes. Eu tenho um monte de parentes. Tenho parente em Nova York, parente em Wilmington, parente em... em... Pensilvânia... tinha parentes... Ligavam para qual... qual fim-de-semana passar com quem!

CF – Assim é bom, né?

FL – E aí eu falava Português, (?), né?

LK – Ah, claro.

CF – Ah, mas era bom, né?

FL – Ah, foi, foi uma acolhida muito boa.

CF – E como é que foi o curso, dr. Fernando?

FL – O curso...

CF – Quanto tempo durou o curso?

FL – Uns 3 meses, né?

CF – Três?

FL – Três. Eu fui... eu fui em março, voltei em junho, 5 de junho que eu voltei.

CF – E aí, o que é que... o que é que o senhor viu? O senhor viu coisas diferentes lá, disciplinas...?

FL – Eu achava a... a rua muito agressiva, sabe? Quer dizer, a gente... eles mesmos saíam sempre em grupo. Uma vez eu fui... acho que eu fui ao cinema, o filme era... *Le (Biche?) (rindo)*, falado em Francês, mas que eles traduziam em Inglês. Eu acho que eu fui o único que deu uma gargalhada no meio do filme (*risos*). Mas, depois, a gente veio andando pela rua, e aí eu vi lá uns... uns “crioulões” vindo, aí a gente já atravessou a rua. Os caras vieram em cima da gente: “Por que vocês atravessaram a rua?” “Não, nada, é que a gente ia para lá mesmo”. Para acalmar a (*intenção?*), né?

CF – (*Claro?*).

FL – Eu já tinha sabido que tinha sido esfaqueado um porto-riquenho, nas vésperas, né, então, a gente tem medo de sair. Então, o fim de...

CF – E os cursos, dr. Fernando, como é que eles foram, lá?

FL – Os cursos são bons...

CF – (*falam ao mesmo tempo*)...?

FL - ... todos muito interessantes. Teve um curso...

CF – O senhor lembra?

FL – Teve um curso que era dado pelo dr. Vicente Navarro, que é... Ela falava um “*Spanglish*”. Eu pensei que eu ia entender mais (?) ele falou, era... foi o mais difícil até, depois, eu conseguir pegar o sotaque dele, sabe?

CF – Era curso de que?

FL – Ele era o curso de... de Atenção... Atenção ao Adulto. Tinha o curso de Atenção à Criança, tinha o OB(?), Obstetrícia (?), né, tinha Planejamento, de Saneamento...

CF – E o que o senhor viu lá era muito diferente do que o senhor já tinha visto aqui no curso... no curso que o senhor tinha feito aqui?

FL – Não, não muito não.

CF – Tinha muita coisa nova ou era...

FL – Não, não tinha não.

CF – O conteúdo era semelhante?

FL – O conteúdo era parecido, parecido. Muita coisa... Se não fosse a dificuldade do Inglês fluente, eu não tinha um Inglês fluente, não foi muito diferente não.

CF – O senhor acha o quê? Que valeu mais pela experiência? O senhor... o senhor visitava ou visitou centros de Saúde, visitou hospitais...?

FL – Não, não visitamos não.

CF – Tinha essas coisas? Não?

FL – Não.

CF – O curso não levava não?

FL – Não, a gente passava por dentro do hospital, o (*falam ao mesmo tempo*)...

LK – Para ir à aula.

FL – Hein?

LK – Para ir à aula.

FL – Para ir à aula. O curso ficava na rua atrás do hospital, e a gente ia por baixo, num túnel, saíamos no hospital, atravessávamos a rua...

LK – Não tinha aula prática?

FL – Não.

LK – Só...?

FL – Só (?) porque nós éramos considerados *seniors*, nós fazíamos parte do 4º período do curso normal de Saúde Pública deles, quer dizer...

CF – Porque o senhor já tinha...

FL - ... no 4º período, aí vinham os alunos regulares e juntavam com a gente. Eu fiquei com um alemão chato prá burro. Eu não entendia o que ele falava. Alemão falando Inglês era brabo, né? Tinha um egípcio, também, no mesmo grupo. E tinha esse dr. (*Badur?*), que era (*falam ao mesmo tempo*)...

CF – Ah, é, que o senhor me mostrou na foto.

FL - ... e o (*Sarnanto?*), que, de vez em quando, dava uma (*ajudinha?*) em Espanhol.

LK – E biblioteca, era...?

FL – Hein?

LK – Tinha que estudar em biblioteca? Era muito...?

FL – Tinha, tinha que... tinha que... buscar em biblioteca. Eles davam... eles davam as referências, então, nós fazíamos resumo de algumas coisas...

LK – Na biblioteca, na própria biblioteca da John Hopkins?

FL – Na própria biblioteca da escola, no... Como é que era o nome da biblioteca? Acho que era... Não, (*não é?*) (?), não, era (*Stebins?*)... Não, não era Stebins não, Stebins era o decano.

Nós fomos à casa dele, ele (*morreu?*). Teve um professor chamado Timothy Baker, que, no ano seguinte... Aí, no ano seguinte, quatro colegas que trabalhavam na (*PAPPE?*) foram fazer o curso junto com Mário (*Saieg?*).

LK – O Mário foi.

FL – Foi Paulo Brindeiro, Stella (?), e Ana Maria (*Barach?*), e Mário Saieg, e aí voltaram. O Mário (?) voltou para a Escola, que ele ficava lá em cima, que ele estava num grupo de Atenção a Idosos, não é? Eu acho que ele ficou nisso.

CF – Quando o senhor foi, só foi o senhor, só tinha o senhor, de...

FL – Quando eu fui, de brasileiro, fui eu...

CF - ... médico brasileiro só...?

FL - ... só eu, só eu. (*Já quando?*) (?) Paulo Brindeiro, e a Ana e a Stella, foram os quatro. Aí, o Timothy Baker, que era um professor de Administração, veio e ficou lá na PAPPE algum tempo com a gente. Me pediu até emprestado um cronômetro, que a mulher dele ficou vendo quanto tempo as pessoas levavam para atravessar a Praia de Botafogo (*risos*).

LK – (*rindo*) Que (!)?

FL – Acho que era para fazer alguma coisa. Mas o dr. (*Álfio?*) de Carvalho achava que ele era um fiacre do rei, sabe como é, (*rindo*) pela pose que ele tinha. O Álfio é o pai da Diana Maul.

CF – Ah, sim!

FL – Álfio de Carvalho.

LK – É, o... o pai da Diana é Álfio, né?

FL – Pois é, ele era diretor do Instituto Nacional do Mate, e ele era o... era a pessoa com quem eu mais convivia lá...

LK – Ah, é, Álfio.

FL - ... porque tinha muita conversa, muita experiência de vida, né? Então, nós éramos companheiros permanentes ali. Já o Pantoja sempre foi antipático, né? Ele... O Pantoja partiu do princípio que todo mundo é idiota, sabe?

CF – Mas onde que o senhor está falando? O senhor convivia com ele onde?

FL – Na PAPPE.

CF – Na PAPPE, ah.

FL – É, na PAPPE.

CF – Era bom... Vamos falar um pouquinho da PAPPE? Como é que surgiu a PAPPE? Como é que foi isso?

FL – A PAPPE surgiu por causa dessa necessidade da... do encontro de Punta del Este, de criar uma unidade de Planejamento.

CF – A partir da reunião de Punta del Este...

FL - Foi... foi... foi definido que cada... cada país teria uma unidade de Planejamento dentro do Ministério da Saúde. Como não existia aqui, a PAPPE foi criada com a ajuda americana.

CF – Tá, que o senhor falou da (?), né, desse acordo (?), né?

FL – É exato, é. E que funcionava ali, na Praia do Flamengo, 122 - 1º andar, Edifício Maximus.

CF – Como é que o senhor foi se envolver com isso, com a PAPPE? Como é (*falam ao mesmo tempo*)...?

FL – Com a PAPPE através da minha... da minha ligação com o Maneco, já anterior.

CF – Sempre o Maneco, né?

FL – Sempre o Maneco.

CF – O Maneco foi seu... seu condutor profissional aí, né?

FL – Foi. Olha, para tirar essa dúvida é que eu fiz o concurso para sanitaria... sanitaria A lá do Ministério, para tirar a dúvida de se eu era um sujeito protegido do Maneco, ou se eu tinha valor próprio.

CF – O senhor precisava provar isso para o senhor mesmo?

FL – Precisava provar isso para mim. Aí fiz o concurso. Foi a Stella que ligou lá de Brasília dando parabéns: “Fernando, Fernando, parabéns, você passou. Passou em 4º lugar.” Que aí eu... quer dizer, eu queria afirmar isso, que eu ficava achando que era o protegido. (???), sabe como que é? (*falam ao mesmo tempo*).

CF – E, na realidade, não era isso, né, ele... ele...

FL – Ele ajudou muito.

CF - ... ele confiava no senhor, e queria, né...

FL – É, sim, pois é, mas...

CF - ... orientar.

FL - ... mas a nossa ligação era muito estreita, né?

LK – E quem fazia parte da PAPPE?

FL – Hein?

LK – O grupo da...

FL – O grupo da PAPPE era o Maneco, o Pantoja, Antônio Jorge de Almeida, Álfio Carvalho, e tinha um estatístico, Camilo, eu não me lembro o primeiro nome dele, que... que, depois, por causa da Estatística, ele se interessou tanto pelas idas e vindas da Bolsa que acabou se interessando pela Bolsa de Valores. Vendeu a casa da mãe, pediu dinheiro emprestado a todo mundo, arruinou a quem ele pedia emprestado, perdeu a casa da mãe, quer dizer...

CF – Nossa mãe!

FL - ... ficou como *persona non grata*, né?

LK – (*Só por causa?*) (?) (*rindo*).

FL - Pois é, por causa daquela ganância dele de... Chegou a comprar cavalo, depois não sabia que comprar cavalo é... dá muita despesa, né? Cavalo é...

LK – Cavalo é caro.

FL – É caro, só (*falam ao mesmo tempo*)...

CF – Só para quem tem muito dinheiro.

FL – Só quem pode. Ele não sabia. Tanto veterinário, tanta vacina, tanto... (*coisa?*) danada!

LK – Mas, aí, a PAPPE fazia Planejamento para o país inteiro?

FL – Não, nós... não, nós... nós fazíamos sub-projetos para financiar atividades, como o da erradicação da malária, da peste, da esquistossomose, e a criação do Instituto de Medicina Social em Goiás...

LK – Aqui, (*falam ao mesmo tempo*)...

CF – Aqui, (*falam ao mesmo tempo*)...

FL – É, na UERJ, aqui no...

LK - ... na UERJ.

FL - ... no Estado da Guanabara, não é? Eram 32 sub-projetos. Fui eu que fiz o atestado de óbito desses... desses sub-projetos todos, sabe, que o Maneco (?) da PAPPE (*para se?*) extinguir e não ficar nada. Então, eu fazia o resumo, fechava...

CF - E onde é que está essa documentação?

FL - Essa documentação ficou na PAPPE. A PAPPE era na Avenida Brasil, ali, no 5º andar.

CF - Ela saiu da Praia de Botafogo... saiu da Praia do Flamengo?

FL - Saiu da Praia... saiu da Praia do Flamengo e veio para aqui, para esse... para esse...

LK - Aqui, para (*falam ao mesmo tempo*)...?

FL - ... esse anexo, aqui na Avenida Brasil.

LK - Ah, para a expansão do campus.

CF - Ah! Onde?

LK - No 5º andar.

FL - É, no 5º andar.

LK - Onde foi o (*falam ao mesmo tempo*)...

FL - É, deve estar tudo lá.

LK - Não.

FL - Não está não, é?

LK - Não está não.

FL - É, também não sei se é 5º andar, eu sei que era lá.

LK - Não tem mais documentação nenhuma mais, (*falam ao mesmo tempo*)...

FL - Eu sei que era lá. O pessoal vinha até tirar cópia na nossa máquina de xerox, que não era xerox, era uma outra, num papel molhado...

LK - (*Nashua?*)?

FL - Nashua.

LK – Que tinha lá na (*falam ao mesmo tempo*).

FL – É, a PAPPE que tinha, e o pessoal vinha.

LK – É, (*fala ao mesmo tempo*).

FL – Aí, uma época, (?): “Para tirar cópia vocês tragam o (*rolo?*), tragam o rolo e o *tinner* porque não dá para a gente fazer isso.” Um negócio pesado, né?

LK – Era horrível.

FL – Pois é. Ali trabalhava o Carvalhedo, esse Mário... Mário que estava aqui, (?)..

LK – Mário (*falam ao mesmo tempo*).

FL – Mário Amílton...

CF – Mário Amílton. Mário Amílton foi da PAPPE também?

FL – Foi, trabalhou (?) PAPPE também.

CF – (*Eu não sabia?*).

LK – Porque ele foi para a OPAS, né?

CF – Da área de Planejamento, né?

FL – É, (?).

CF – E quem botava dinheiro? O dinheiro era só da (*USAID?*) ou do governo...?

FL – É, da USAID e do Ministério...

CF - ... governo brasileiro?

FL – USAID e Ministério.

CF – O Ministério também botava?

FL – Também botava. Aí o ministro começou a empombar, né? Uma vez chamou a gente numa reunião num hotel para ver se dava um destino mais adequado. Queria que a gente fosse para o Amazonas.

CF – Quem era o ministro na época?

FL – Era o Paulo...

LK - ... de Almeida...

FL – Paulo de Almeida.

CF - ... Machado.

FL – Paulo... Machado. A gente foi lá para o hotel. Ele fez a gente esperar um bocado, sabe? Já ficou importante, né, eu acho. E, então, passou essa história para a gente ir para lá, para o... para o Norte, para... para criar unidades flutuantes. Ele era especialista em peixe-boi, sabia?

LK – O senhor lembra de uma aula inaugural da ENSP, onde ele fez uma conferência...

FL – É, pois é.

LK - ... que ele queria criar, botar piscinas no Nordeste para acabar com a esquistossomose?

FL – É, né, pois é.

LK – Ele fez isso.

CF – É mesmo?

FL – O Pantoja debochava prá burro: “Botar um ministro especialista em peixe-boi?” Era Instituto (*IPAN?*)... (*IPE?*), não, qualquer coisa assim.

LK – Era o Instituto Peixe-boi que tinha.

FL – Instituto Peixe-boi.

CF – E aí ele foi... ele... O senhor acha que ele foi a pessoa responsável por... pela extinção da PAPPE?

FL – Foi, foi, sem dúvida nenhuma. A PAPPE, de uma hora para outra, lá, encerrou as contas, debandou todo mundo.

CF – E mesmo com o convênio, com a participação da USAID...

FL – É, da USAID...

CF - ... (*falam ao mesmo tempo*) financiamento americano, mesmo assim não...

FL – Pois é, porque aí já tinha uma unidade de Planejamento, aí não ia poder ter duas, né?

CF – Qual era a unidade de Planejamento?

FL – Era uma unidade de Planejamento do Ministério.

CF – Do Ministério, né?

FL – Do Ministério.

CF – Mas isso é uma...

LK – Eu acho que também a... (?) USAID também se recolhe, né?

FL – Hein?

CF – É, é, porque isso também...

LK – Essa se recolhe, ela... ela também pára de financiar coisas (*falam ao mesmo tempo*)...

FL – É, claro.

CF – E deve ter tido aí um contexto, né?

LK – É sim.

CF – O ministro não era favorável, o dinheiro americano, né, acaba...

LK – É, (*falam ao mesmo tempo*)...

CF - ... o convênio se... se... extingue, né?

LK – Paulo de Almeida Machado é 76, 77...

FL – Eu não... eu sei que eram 32 sub-projetos, sabe?

CF – 32 sub-projetos.

FL – 32 sub-projetos. Esses eu... eu tinha em casa, mas... mas aí tem outra coisa que... A minha mulher... Como eu sou guardador de papel, eu tinha um quarto lá fora, ele era rodeado de estantes. Ela disse: “Isso aí é uma loucura. Você tem que dar um jeito.” Uma vez uma colega falou para mim: “Você é maluco, sabe? Quando você morrer essa mulher vai vender isso a peso.”

LK – Não, manda para a Casa de Oswaldo Cruz! (*risos*)

FL – Não, mas é... Aí, então, eu tinha todos os sub-projetos da PAPPE arquivados.

CF – Ah, que pena! E aí? Aí jogou fora, né?

FL – Nós fizemos um trabalho enorme no Espírito Santo também.

CF – Ah, é?

FL – Consta aí do... Consta aí?

CF – (Não?).

FL – Foi a (*proposta?*) da PAPPE...

CF – Ah, é?

FL – É. Em 1972 nós fomos... visitamos o Espírito Santo inteiro. Eu só não fui a Colatina, mas Nova (*Venezia?*), São Mateus, São... Tinha um lugar, Santa Teresa, que era dos pomeranos, tinha que levar tradutor porque a gente não entendia o que eles falavam, eles falavam pomerano, falam até hoje.

CF – Até hoje?

FL – Não é? Aquela terra do Ruschi, com... com os... com os bichinhos, né, beija-flor...

CF – Está aqui sim, dr. Fernando...

FL – Está?

CF – “Participação na inauguração do Pré-diagnóstico de Saúde do Espírito Santo.”

FL – Pré-diagnóstico de Saúde do Espírito Santo.

CF – Em 72

FL – Em 72. O ano de referência era 71. Passamos o... Aí fui com o Paulo Brindeiro... com... o Saieg também. Foi um dentista, um Patinho, não sei o que Patinho. Então, nós dividíamos as viagens por área, por zonas, né? Nós falávamos “zonas hipotéticas de Planejamento”, e apresentávamos ao secretário. Mas, depois, a gente viu que aquilo estava sendo imposto ao secretário de Saúde porque o Pantoja era imperador. Quer dizer, o secretário não estava interessado naquelas... naquelas áreas de... de Planejamento que nós estávamos fazendo, não é?

CF – Não estava...

FL – É, então, ele... E nós estamos gastando dinheiro... Foi contratando a IBM para fazer o *software* daquilo, não é? Então, chegamos a ponto de município por município, depois agrupar em regiões administrativas, depois em sub-áreas, depois em estado, e apresentávamos aquilo. Aquilo acho que foi uma diversão para o Pantoja, sabe?

LK – (*ruído*) (?) pena que não ficaram esses projetos.

FL – Pois é.

LK – Talvez no (?).

CF – Será?

LK - Talvez no Espírito Santo a gente encontre (*rindo*).

CF – É, quem sabe lá (?).

FL – Pois é, e foi apresentado um documento, claro. E eu tinha uma cópia desses documentos também em casa.

LK – Aí a (*Célia?*) resolveu botar tudo fora. (*rindo*)

FL – (?), a minha mulher, ela, de tanto papel...

LK – (*rindo*) Eu vou falar com ela como é que ela fez isso. Não podia ter feito.

CF – Aí, então, o PAPPE acaba, dr. Fernando, o senhor volta para... para... para a região administrativa, né?

FL – Aí eu vou para a região administrativa e volto para o Centro Municipal de Saúde Ariadne Lopes de Meneses, que é em homenagem a uma enfermeira muito... que nos ajudou muito. Depois ela teve um câncer de mama e (?). Então, nós a homenageamos e tal. E fiquei trabalhando lá até ser chamado em 1987 para vir para o Politécnico.

CF – Aí o senhor fica... vem, fica, aí, então, de 87 a 93 o senhor fica aqui no Politécnico, né, (*falam ao mesmo tempo*)?

FL – Eu fico no Politécnico. Aí, como eu tinha uma outra matrícula do estado, que eu fui... eu fui professor do Instituto de Nutrição Annes Dias, lá em Botafogo... O (?) Chagas Freitas, na época, dividiu o Annes Dias em... em área de Nutrição, de ensino de Nutrição, e... não, merenda escolar, e o ensino superior (?) de Nutrição, e aí, então, não aproveitou os professores. Eram contratados (?). Se ele não queria gente bastava...

CF - ... demitir.

FL - ... demitir. Mas não, nos nomeia, manda até um telegrama nos... nos homenageando ou (???) nós éramos funcionários públicos, e nós não tínhamos onde ensinar. Então, nós ficamos assinando ponto na... na sede da Secretaria de... de Educação por anos, sem ter... sem ter nada para fazer, só ia lá só assinar o ponto, até que um secretário (*doido?*) aí chegou e disse: “(*Vocês têm que trabalhar?*) (??).” E nós cansamos de fazer processos pedindo... eu... eu mesmo me candidatei, (*eu vou?*) ser professor de Higiene no Instituto de Nutrição, ali, na... na Mariz e Barros ou na Carmela Dutra... porque tem um... tem um curso de Higiene para professora. Aí eles me ofereceram: “Mas você é médico? Vou... posso mandar você para... para o Serviço de Salvamento de Afogados.” Disse: “Eu não tenho a menor aptidão para...

para trabalhar com afogados”, né? (*risos*) Que loucura! Bom, aí, então, quando ele quis botar qualquer coisa, eu, então, pedi para... para vir para cá para trabalhar (??).

CF – Ah, tá. Aí o senhor veio para o Politécnico?

FL – Aí vim para o Politécnico. Mas aí eu... como (??), aí eu fui... fui na Biometria e dei... e pedi (?) e dei queixa do olho que eu não enxergava, quer dizer, passaram... passaram 2 anos, eu fui aposentado por isso. Por isso que eu não vim mais (?). Eu dei alguns anos aí de aula para... para as crianças (?)...

CF – E depois o senhor se aposentou?

FL – Depois me aposentei, aí eu estou aposentado total.

CF – Só para a gente fechar, dr. Fernando, eu queria só que o senhor falasse um pouquinho do Maneco Ferreira, (?) por tudo o que o senhor contou, quer dizer, ele foi uma pessoa importante na sua trajetória...

FL – Foi.

CF - ... dentro da Saúde Pública, né, quer dizer...

FL – É ele se chamava “o último dos moicanos”.

CF – Por quê?

FL – Ele mesmo se intitulava porque não tinha mais ninguém da geração dele, né?

CF – Por quê? Por que...?

FL – Porque ele era um sujeito batalhador pela Saúde Pública, mas já não tinha mais com quem contar. Lembra dele falar isso?

LK – Lembro.

FL – Ele (*citava?*) isso em discurso, né?

CF – E por que o senhor acha que ele era uma pessoa diferente, quer dizer, ele tinha um perfil de sanitarista diferente dos outros?

FL – (*tosse*) Ele era uma pessoa...

CF – O que... o que é que era essa...?

FL – Ele era uma pessoa bondosa, e, ao mesmo tempo, parecia assim... Por exemplo, na casa dele, ele tinha um quarto em que ele tinha um trem elétrico, um trem elétrico que ocupava o quarto inteirinho, e ele ficava brincando com o trenzinho elétrico.

CF – Ah, é? (*Que coisa?*) (*falam ao mesmo tempo*) ...

FL – E a mulher dele fazia cerâmica no forno, né? Fui várias vezes à casa dele para ver o trezinho, ver as coisas, né? Uma vez ele ficou doente, me chamou e disse: “Você... Serve mesmo você ou o veterinário.” (*todos riem*). Aí ele... aí ele ia muito nesses encontros de Saúde, né? Aqui, esse é o derradeiro, é...

CF – Esse... essa foto é de um encontro de que, dos...?

FL – É no SESC. O SESC fazia uns encontros de Saúde e Educação, o SESC.

CF – Ah, sim! Eu lembro, uns seminários de Educação e Saúde, no SESC

FL – Seminários de Educação e Saúde, todo ano, no SESC.

CF – E ele participava disso.

FL – Ele participava. O...

CF – E o senhor chegou a participar de alguma reunião da Sociedade Brasileira de Higiene?

FL – De Higiene? Várias, várias. O...

CF – De congresso e de reunião mesmo?

FL – De congresso, em dois, em Salvador e em Curitiba.

CF – Como é que eram esses congressos (*falam ao mesmo tempo*) ...?

FL – Ah, sim, aí era um... No congresso de Curitiba eu conheci a Maria Zélia (*Ropaiol?*), que tem um livro de Epidemiologia e Saúde, né?

LK – (*falam ao mesmo tempo*) e Saúde, (?).

FL – Muito inteligente, uma mulher inteligente à beça!

LK – É cearense, né?

FL – Hein?

LK – É cearense, não é?

FL – Não, é... é, Ceará, Fortaleza. (?) tem um sotaque danado, né? Fortaleza (*fala com sotaque nordestino*). Eu gostei...

CF - E da própria Sociedade? A Sociedade Brasileira de Higiene era ali na cidade, né, (*falam ao mesmo tempo*)...?

FL - Não, a Sociedade... a Sociedade, ela é uma sociedade que está morrendo porque estavam criando a (*SEBS?*), e, então, eles... não... porque estava se formando outra sociedade aqui... É, era com o Arouca...

LK - É, o SEBS.

FL - ... não é? SEBS. E, então, a Sociedade se... se auto extingue.

CF - Porque os... Mas, e os médicos e os sanitaristas lá da Sociedade Brasileira de Higiene não se incorporavam?

FL - Não... todos são... eram sempre... eram sempre os mesmos, sabe? O secretário era o Nelson Morais, ora era o Maneco, ora era o... Celso Arcoverde, eram sempre os mesmos...

CF - Não se renovavam?

FL - Não se renovavam. Ela morreu, ela se auto extinguiu.

CF - E como é que foi a...

FL - Wilson Guimarães...

CF - Wilson Guimarães, é.

FL - ... era o secretário permanente. Ah, tem um aí deles que está na (*Vila Velha?*)...

LK - (*Esse aqui é o Joir?*)?

FL - Não, não. Não é Wilson, esse é o Joir.

LK - Esse é o Joir.

FL - Joir foi da (??).

CF - E essa geração mais nova não se... não se relacionava com essa geração mais velha?

FL - Não... não, aí... não, a geração mais nova começou a fazer uma... chamada (*UESP?*). Aí é onde eu conheci Tânia...

CF - ... Ângela...

FL - ... Ângela... Era uma... era...

CF - ... uma nova associação (*falam ao mesmo tempo*) sanitaristas.

FL - ... uma nova associação, Associação Estadual de Saúde Pública, que nós nos reuníamos...

CF – E por que é que não se relacionavam, hein, dr. Fernando...

FL – Porque não, porque...

CF - ... essa geração mais nova com a antiga?

FL – Não relacionava porque não batia, né?

CF – O senhor acha que eram diferentes, uma maneira diferente de pensar?

FL – Diferente, absolutamente diferente.

CF – Em quê? O que era isso?

FL – Em pensamento, né? Eles eram... eles eram do tempo antigo, né? Acho que não levavam muito em conta esses aspectos sócio-econômicos, sabe? Acho que era muito fechada. Essa UESP chegou a... a gente se reunia todas as segundas-feiras no Sindicato dos Médicos, mas, depois, também, aí... eu fui... fui... no decorrer das conversas, como eu conhecia muito a região, eu sabia todas as regiões administrativas, todos os lugares, mas, aí, depois, eu fui começando a achar que aquilo ali era uma sociedade secreta. (*risos*).

CF – Por quê, dr. Fernando?

FL – Porque não... não saía dali, não saía daquela masturbação de... (*risos*). Nós fizemos curso de tuberculose, outros cursos...

CF – Na Associação?

FL – Lá mesmo, no Sindicato dos Médicos. Aí convidava colegas para irem...

CF – (*Daqui?*)?

FL - ... insistia com vários colegas para irem, né, para dar palpite e tal... E eram entusiasmados, sabe? Era... era um fogo interno enorme de fazer essas... Fazia reunião na favela... Até que um sábado, uma vez, eu fui numa reunião numa favela, 2 horas da tarde, uma chuvinha fina, não tinha ninguém. Eu me senti um babaca total, sabe? (*risos*) Fui falar com a Sônia Thedim e com a Cleusa Panisset Ornellas. Você lembra? Fui reclamar com ela: “Veja só, a gente vai fazer um negócio assim, o pessoal não...”

CF – E só foi o senhor?

FL – Só fui eu, sozinho.

CF – Aí o senhor foi perdendo o ânimo, né...

FL – Perdi o ânimo.

CF - ... o estímulo, né?

FL – Perdendo o estímulo. Depois a gente vê que Saúde Pública é um esforço coletivo, né? Não depende de uma pessoa, de jeito nenhum, é um esforço que as pessoas têm que engajar... Aí, eu perdi um... perdi um pouquinho o gás.

LK – Você conheceu o Hortênsia Yolanda?

FL – Quem?

LK – A Hortênsia Yolanda.

FL – Hortênsia Yolanda, conheci, conheci.

LK – Era (?) Educação Sanitária, né, que (*falam ao mesmo tempo*)...

FL – Educação. E aquele rapaz que acabou morrendo, que fez aquele livro...

CF – Ah, sim, o Joaquim, né?

FL - ... “Saúde como Expressão de Vida”.

LK – Joaquim.

CF – Joaquim, né, Joaquim (*falam ao mesmo tempo*).

FL – Joaquim...

LK - ... Cardoso de Melo.

CF - ... Cardoso de Melo.

FL – Isso.

LK – Esse estava no (*Politécnico?*).

FL – Cardoso...

CF – Joaquim Alberto Cardoso de Melo.

FL - ... Cardoso de Melo, isso mesmo. Acabou morrendo, também, né?

CF – É.

FL – Ele dava aula de Filosofia para as... para os meninos lá da...

CF - ... do (*Politécnico?*)?

FL - ... e onde, normalmente, eu... eu era seguinte à aula dele. As crianças ficavam alvoroçadas, não sabiam nada desse negócio de... de moral, de consciência, de não sei o quê... (*risos*) E aí eu me lembrei do meu curso do Metropolitano em que a gente teve aula de Filosofia também, né?

CF – Ah, é?

FL – É, eu (*vi?*)... era complicado (*rindo*). Estudar o que é paixão na memória... não é? E era um professor, o mesmo professor de Português, (*a gente?*) acabava não acreditava muito...

LK – (*rindo*) Confundia?

FL – É.

CF – Bom, dr. Fernando, foi ótima a conversa! Lisabel, você tem mais alguma coisa?

LK – Não, eu quero ver as fotos.

CF – Aí a gente vai para as fotos agora... para a gente encerrar a entrevista gravada, aí nós vamos agora ver as fotos para a gente poder botar as identificações.

FL – Isso... A gente viu tudo aí?

CF – Foi... Vimos. Foi muito bom, dr. Fernando, (*falam ao mesmo tempo*)...

FL – Mas, teve uma...

CF – Fale.

FL – ... teve uma coisa aqui que não passou...

CF – Fale.

FL - ... que foi um encontro da Secretaria Estadual de Saúde... de... Municipal de Educação e Saúde, que foi na Ilha das Enxadas.

CF – Onde é essa ilha?

FL – Ilha das Enxadas é uma ilha que fica em frente à Praça Mauá. E nós fomos lá, ficamos lá... íamos e voltávamos de lancha... Não consta aí?

CF – Assim, rapidinho, que eu estou... eu estou olhando aqui, não. Eu vou depois dar uma olhada com calma, (*falam ao mesmo tempo*)...

FL – É? Era um encontro de Educação e Saúde.

CF – O senhor fez na época que o senhor estava já no Politécnico?

FL – Não, que eu estava...

CF – Foi antes?

FL - ... (*falam ao mesmo tempo*).

CF – Ah, tá, entendi.

FL – No (?) com o Lauro. O Lauro... Eu ia com o Lauro. Nós combinávamos a aula, e dávamos lá a mesmíssima aula. Agora, eu fiquei intrigado porque a minha era (*gravada?*), (?). Porque eu acho que aconteceu uma coisa uma vez. Em 18 de outubro, Dia do Médico... (??)? Antes disso, um... um presidente da Associação de Amigos do Hospital Souza Aguiar pediu que eu fosse fazer uma palestra para os Amigos do Hospital Souza Aguiar, que eu já tinha feito em outros lugares, entende? Eu disse: “Ah, não custa nada.” Ele marcou a hora e eu fui. Quando eu fui chegando eu fui vendo muito carro de placa branca. Achei aquilo estranho, muito carro para... Para a Associação de Moradores (?) uma reunião assim, a gente faz uma roda e conversa. E, quando eu cheguei, um sujeito me viu...

CF – Era uma coisa mais formal.

FL - ... disse assim: “O orador chegou.” (*Tá? Quer ver?*)? Quando eu olhei para a mesa estava o secretário estadual, o secretário municipal, Paulo Niemeyer, vários ex-secretários, uma porção de gente de alto gabarito, né? Eu cheguei (?) fui tomado de surpresa! Eu não sabia que era isso! Eu pensei que era uma reunião como eu fazia lá no posto, né? (??), o que é que eu vou fazer aqui? Minha garganta secou na hora, bebi água de alguém lá da mesa, e comecei a pensar: “Ah, eu vou... eu vou falar como se eu estivesse lá na Gama Filho falando para os meus alunos.” Aí comecei a soltar o verbo, né, e falei coisa que desagradou demais, né, (*risos*) deve ter desagradado. O secretário de Saúde municipal ficou (?) da (*vida?*), né? Havia um jornalista, veio falar comigo: “Olha, nunca vi coisas tão lúcidas (!)” (*risos*)

LK – Então, deve ter desagradado muito.

CF – Ah, então, é por isso...

FL – Pois é.

CF - ... provavelmente que...

FL – Foi por isso que eu fui...

CF - ... a sua aula depois foi gravada (*rindo*).

FL – Por isso que eu fui exonerado, né?

CF – Foi exonerado?

FL – Eu fui exonerado, *(falam ao mesmo tempo)*...

LK – É, foi exonerado *(falam ao mesmo tempo)*...

CF – Ah, sim!

FL - ... porque tinham dito ao meu diretor que tinha um médico na... no Jacarezinho atrapalhando os planos do vereador da *(área?)*. Eu disse: “Eu não sei disso não.” *(Eu?)* disse: “Bom, só pode ser eu, né?”. *(rindo)*. Claro que era. *(risos)*

CF – Então, está bom, dr. Fernando. Vou desligar. Muito obrigada, (?), vamos às fotos agora. *(interrupção na fita)*